A Virgem Maria fora dos Evangelhos Canônicos

Octavio da Cunha Botelho

Janeiro/2026

RESUMO

A historicidade de Maria, quando percebida globalmente, alcança um leque de perspectivas que vai desde a desconfiança de que ela não existiu, uma vez que para estes céticos extremistas (miticistas) o Novo Testamento é um mito, passando pela hipótese de que ela foi, na verdade, uma mulher adúltera (versão judaica), que depois se prostituiu, até a crença de que ela foi uma virgem (versão canônica, apócrifa e islâmica), que gerou um filho sem relação carnal (Imaculada Conceição), foi a mãe de Deus, a qual mesmo depois do parto, per maneceu virgem, e fez aparições para devotos (versão católica). As menções de Maria, a mãe de Jesus, nos textos fora dos evangelhos canônicos podem ser divididas da seguinte maneira:
1) As menções elogiosos: nos evangelhos apócrifos - Maria é virgem e a mãe do filho de Deus
2) As menções moderadamente elogiosas: nas escrituras islâmicas: Alcorão e Hadiths - Maria é pura, mas não é a mãe do filho de Deus, pois Jesus é apenas um profeta de Alá.
3) As menções pejorativas: no Talmude e na coleção Sefer Toledoth Yeshu, onde Maria não é virgem, mas sim uma mãe adúltera, então Jesus é um filho bastardo.

Palavra-chaves: Virgem Maria, Miriam, Stada, ben Stada, adúltera, Pandera,

ABSTRACT

The historicity of Mary, when perceived globally, encompasses a range of perspectives, from the suspicion that she did not exist, since for these extremist skeptics (mythicists) the New Testament is a myth, to the hypothesis that she was, in fact, an adulterous woman (Jewish version), who later prostituted herself, to the belief that she was a virgin (canonical, apocryphal and Islamic versions), who gave birth to a son without carnal relations (Immaculate Conception), was the mother of God, who even after childbirth remained a virgin, and made appearances to devotees (Catholic version). Mentions of Mary, the mother of Jesus, in texts outside the canonical gospels can be divided as follows:

1) Praiseworthy mentions: in the apocryphal gospels - Mary is a virgin and the mother of the son of God.

2) Moderately laudatory mentions: in Islamic scriptures: Quran and Hadiths - Mary is pure, but she is not the mother of the son of God, as Jesus is only a prophet of Allah.

3) Pejorative mentions: in the Talmud and the Sefer Toledoth Yeshu collection, where Mary is not a virgin, but rather an adulterousmother, therefore Jesus is an illegitimate son.

Keywords: Virgin Mary, Miriam, Stada, ben Stada, adulteress, Pandera,

ÍNDICE

I. Introdução 05

II. As Versões Elogiosas 22

III. As Versões Pejorativas 60

IV. Análise: Maria Realmente foi um Virgem Concebida pelo Espírito Santo? 81

V. Bibliografia 87

I. Introdução

I.01. O Problema da Historicidade

Se a História é relatada pelos vencedores, tal como se costuma dizer, ou seja, a verdade é imposta pela força dos poderosos, muitos acreditam que a versão da corrente mais poderosa é a versão histórica. Assim, tornou-se uma crença quase universal de que os Evangelhos Canônicos transmitem a versão mais histórica, tanto dos fatos como dos ditos de Jesus, por se tornarem os textos de aceitação geral no universo cristão. Isto é, o que não é relatado nos Textos Canônicos não é um evangelho autêntico. Entretanto, do ponto de vista histórico e da Crítica Textual esta crença levanta muitas questões, pois quando estudamos a formação dos evangelhos desde uma perspectiva histórica, independente da pregação e da evangelização, o que encontramos é uma grande rivalidade e conflito, entre as correntes teológicas dos primeiros anos, nas escolhas dos textos que eram considerados autênticos e os que eram considerados inautênticos, antes e durante a formação do Novo Testamento. No início do Cristianismo, cada comunidade cristã seguia textos diferentes das outras comunidades, até a unificação textual no século IV e. c., a qual não colocou fim imediatamente às controvérsias, pois algumas correntes cristãs continuaram seguindo os textos rejeitados na lista canônica dos textos do Novo Testamento do bispo Atanásio de Alexandria, um ardente combatente do Arianismo, uma doutrina teológica rival daquela defendida por Atanásio, o Trinitanismo,[1] em uma carta de 367 e. c. Atanásio foi a primeira pessoa a identificar os mesmos 27 livros do Novo Testamento utilizados hoje em dia como canônicos.

1 Doutrina da Trindade, é a crença central do Cristianismo de que um só Deus existe em três pessoas co-eternas e co-iguais: o Pai, o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo, que são distintas, mas inseparáveis, formando um único Deus (uma só essência divina). Essa doutrina, embora baseada em passagens bíblicas que descrevem o Pai, o Filho e o Espírito Santo, foi formulada formalmente pela Igreja nos séculos III e IV, especialmente nos Concílios de Niceia (325 e. c.) e Constantinopla (381 e. c.).

Até então, listas diferentes de obras a serem lidas nas igrejas eram utilizadas. Um marco no desenvolvimento do cânon do Novo Testamento é a sua carta pascoal escrita em 367 e. c., conhecida geralmente como "39ª Carta Pascal". O papa Dâmaso I, bispo de Roma em 382 e. c., promulgou uma lista de livros que continha os mesmos livros propostos por Atanásio. Um sínodo em Hipona, em 393 e. c., repetiu a lista de Atanásio e a do papa Dâmaso I (sem a Epístola aos Hebreus) e um concílio em Cartago em 397 repetiram-na novamente.

Porém, estudiosos debatem se a lista de Atanásio em 367 e. c. era ou não a base das listas posteriores. Como o cânon de Atanásio é, dentre os padres da Igreja, o que mais se parece com o cânon utilizado pelas igrejas protestantes modernas, muitos teólogos protestantes apontam Atanásio como o "Pai do Cânone". Ele incluiu na sua lista do Novo Testamento a Didaquê e o Pastor de Hermas, os quais mais tardes foram retirados da homologação canônica. A maioria dos historiadores bíblicos da atualidade é da opinião de que os Evangelhos Canônicos foram compostos antes dos Evangelhos Apócrifos[2], aqueles entre os anos 70 a 110 e. c., e os últimos a partir do século III e. c. O primeiro a ser composto foi o Evangelho de Marcos, o qual, nos mais antigos manuscritos, termina em 16.08, e nos manuscritos mais tardios e nas edições atuais termina em 16.20, portanto é considerado pela Crítica Textual, juntamente com a Perícope da Mulher Adúltera (João 7.53 - 8.11), as duas mais extensas interpolações nos Evangelhos Canônicos. Entretanto, não é possível se chegar a uma certeza, uma vez que ambos evangelhos (canônicos e apócrifos), antes de serem

2 O adjetivo grego no plural ἀπόκρῦφα (apocryfa); latim: apocrypha, significa "ocultos", "secretos", portanto no contexto aqui "escritos ocultos". Para os seguidores desta coleção de apócrifos, sobretudos os gnóstico, estes textos incluem os ensinamentos secretos (apocrypha) de Jesus, apesar de nem tudo ser ensinamento secreto. Embora este significado etimológico não coincida, o termo é atualmente utilizado hoje no sentido de textos aproximadamente do mesmo gênero que foram excluídos do Antigo e do Novo Testamento, deste último, eles são os evangelhos, os atos, as epístolas e o apocalipse, de modo que existem apócrifos destes três gêneros novo-testamentais em número muito maior do que os canônicos.

transcritos para a forma escrita, foram retirados dos relatos orais, de maneira que não é possível saber o quanto que estas comunicações orais já estavam acrescidas de mitos e de embelezamentos quando da composição escrita.

De certa maneira, é preciso observar que, uma vez que os autores das escrituras sagradas não eram historiadores, mas sim adeptos ávidos na divulgação destes textos para efeito de proselitismo, faz com que a canonização seja um processo mais ideológico e político do que um processo técnico de rigor histórico. Sendo assim, a evangelização é mais importante do que a historicidade, se o mito convence, então ele é histórico. Com isso, a persuasão torna-se instrumento de veracidade, ou seja, o que convence se torna verdade. De modo que, para o historiador, torna-se difícil, e em muitas vezes, impossível, separar o que é relato factual e o que é manipulação para efeito de evangelização. Da mesma maneira que os autores cristãos se ocuparam em persuadir através de uma comunicação elogiosa, os autores dos textos pejorativos se esforçaram em dissuadir, através da criação de uma versão hostil dos personagens e dos episódios dos Evangelhos. Decidir quem está com a versão histórica é muito difícil, uma vez que não temos relatos contemporâneos de autores imparciais, somente de autores confessionais. Agora, é bem notável que os Evangelhos Apócrifos carregam mais caráter mitológico do que os Evangelhos Canônicos, mas não quer dizer que estes últimos sejam totalmente históricos e os Apócrifos absolutamente mitológicos. Ambos incorporam história e mito, com a diferença de que um evangelho pode possuir mais mitos, ou mais história, do que os outros, quer quando comparamos os apócrifos entre si, ou os canônicos entre si, ou um com o outro. Enfim, do ponto de vista do rigor histórico e textual, canonização de textos não é sinônimo de autenticidade, mas sim de homologação ideológica.

Outro fator que diminuiu consideravelmente a quantidade de fontes disponíveis foi a destruição de tantos obras pela Igreja Católica durante a Antiguidade e a Idade Média, ou seja, aquelas que atrapalhavam o seu projeto missionário. Das obras destruídas, parece que a corrente que mais incomodava a Igreja, nos primeiros séculos, era a corrente dos gnósticos, haja vista a grande quantidade de heresiologias escritas pelos padres contra este seguimento cristão, bem como a pequena quantidade de obras

sobreviventes desta denominação cristã. Disponibilidade menor ainda seria se não tivesse acontecido a fantástica descoberta da biblioteca gnóstica de Nag Hammadi. no Egito, em 1945. Esta descoberta revolucionou o estudo da história do Cristianismo primitivo. Poucos sabem, mas a quantidade de Evangelhos Apócritos é muito maior do que a quantidade de apenas quatro Evangelhos Canônicos. A edição de Bart D. Ehrman e Zlatko Plese reuniu 37 textos apócrifos conservados na íntegra ou em fragmentos (ver: EHRMAN, 2011). Portanto, o estudo atual do Cristianismo inicial, sem levar em conta os textos apócrifos, é uma omissão de primeira grandeza, algo como uma história mutilada.

A crítica dos cristãos atuais de que os Evangelhos Apócrifos reproduzem milagres cômicos de Jesus, não isenta *in totum* os textos canônicos da comicidade. Por exemplo, enquanto no Evangelho Árabe da Infância (capítulo I) e no Alcorão 19.30-1, Jesus falou no berço, ainda bebê, logo após o seu nascimento, um milagre não menos cômico aparece no Evangelho de Lucas 1.44, quando ele (Jesus) pulou de alegria (ἐσκίρτησεν ἐν ἀγαλλιάσει - eskirtesen agalliasei) na barriga de sua mãe, quando ainda grávida, quando ouviu a saudação de Elisabete, ou seja, Jesus conseguia entender a fala das pessoas mesmo dentro do útero. O pulo do feto Jesus no ventre de Maria também é mencionado no Protoevangelho de Tiago 12.02, com a diferença que a criança não pulou de alegria, mas simplesmente pulou e abençoou Isabel (ευλόγησεν σε - eulogesen se). Enfim, o cômico é que, Jesus já abençoava desde o útero da mãe antes de nascer.

I.02. O que Crítica Textual é

Ela é uma ciência que se ocupa com a identificação de variantes textuais, de diferentes recensões ou de distintas versões de textos, quer manuscritos ou impressos. Estes textos podem variar em datas desde os mais antigos escritos em caracteres cuneiformes, impressos em tábuas de argila, até as versões não publicadas de obras de autores do século XXI. No passado, quando ainda não existia a reprodução gráfica de uma obra literária, os escribas, os quais eram encarregados de copiar manualmente documentos, talvez quase todos fossem alfabetizados, mas muitos eram simplesmente copistas, reproduzindo as letras sem sequer compreender os significados das palavras. Sendo assim, alterações

involuntárias durante o processo de transcrição aconteciam quando copiadas ortograficamente. Ademais, alterações intencionais ocorreram, por razões políticas, religiosas e de censura.

O objetivo do trabalho do crítico textual é encontrar a melhor compreensão da criação e da transmissão histórica de um texto e de suas variantes. O resultado deste empreendimento poderá ser a criação de uma Edição Critica, chegando a um texto metodicamente cotejado. Portanto, diante de muitas recensões, versões e de variantes textuais, em diferentes manuscritos da mesma obra, e se o crítico textual não possui o texto original (autógrafo), então técnicas de Critica Textual podem ser usadas a fim de reconstruir o texto original na forma mais próxima possível. Em outras palavras, uma edição critica tenta, em primeiro lugar, reconstruir um arquétipo que seja tão próximo ao texto original quanto a evidencia permite e, em segundo lugar, revelar a história textual de sua recepção e de sua transmissão, através da análise das variantes manuscritas. Usualmente, uma edição crítica também envolve a criação de uma árvore genealógica, disposta em famílias ou linhagens de manuscritos, a qual permite ao editor escolher as redações baseadas, não meramente, em suas próprias preferências, em seu viés ideológico ou em seu engajamento confessional, mas com base em critérios objetivos e imparciais.

Gordon D. Fee explicou assim a importância da Crítica Textual para o intérprete e para o tradutor bíblicos: “A crítica textual, comumente conhecida no passado como “crítica inferior”, em contraste com a tão conhecida “crítica superior” (histórica e literária), é a ciência que compara todos os manuscritos conhecidos de uma determinada obra, em um esforço para traçar a história das variantes dentro do texto, a fim de descobrir sua forma original. A crítica textual é, portanto, de significado especial para o intérprete bíblico em pelo menos três modos:

1) Ela tenta determinar as palavras autênticas de um autor. A primeira pergunta que um intérprete pergunta é o que o texto diz?’, antes de perguntar, ‘o que o texto significa?’

2) a maioria dos cristãos tem acesso ao Novo Testamento apenas em traduções, e a condição básica na escolha de uma tradução é a sua exatidão em reproduzir o texto original do autor. Antes de decidir o que qualquer das palavras significam, o primeiro cuidado do

tradutor deve ser que ele ou ela está traduzindo as próprias palavras que o autor escreveu.
3) Um conhecimento da história da variação textual também ajudará o intérprete a ver como a passagem foi compreendida durante a história inicial da Igreja. Em muitos casos, as variantes textuais são um reflexo dos interesses teológicos da igreja e do escriba e, algumas vezes, tais mudanças colocam alguém em contato com a exegese histórica" (FEE, 2000: 03).

I.03. Transmissão Textual na Antiguidade

Entretanto, o problema com os textos mais antigos é que muitos foram transmitidos oralmente, durante séculos, antes de serem transcritos para a forma escrita, com isso resultando em diferentes versões ou recensões de uma mesma obra, assim sofrendo muitas alterações e omissões durante o período de transmissão oral. Pois, só é possível identificar as alterações textuais a partir do registro escrito dos textos anteriormente transmitidos oralmente. Esta ocorrência é muito comum nos mais antigos textos do Hinduísmo, os Vedas (Sanhitās, Brāhmanas, Āranyakas e Upanixades). Pois, antes da criação da lei de direitos autorias, não eram os autores da obra que possuíam o direto sobre as obras de sua autoria, mas sim aqueles que as transmitiam, quer sejam os recitadores ou as tradições religiosas transmissoras. Em outras palavras, os transmissores dos textos se julgavam os donos da obra, consequentemente efetuaram as alterações e as omissões desejadas. Também, no passado, era comum um autor atribuir a autoria da sua obra para outro autor mais prestigiado ou mais famoso, a fim de obter mais prestígio ou mais autoridade, esta prática se chama pseudoepigrafia (grego: ψευδεπιγραφία), foi muito frequente no Hinduísmo, sobretudo nas obras mais antigas, chegando ao ponto dos autores atribuírem autoria aos deuses.

I.04. As Origens da Crítica Textual

Esta prática não foi diferente com os mais antigos textos dos gregos. A preocupação surgiu quando se percebeu a grande quantidade de diferenças textuais e redacionais nos então existentes manuscritos dos épicos Ilíada e Odisseia, quando estes

foram transcritos para a forma escrita, pois as alterações que aconteceram antes do registro escrito não são possíveis de serem percebidas, pois os textos eram transmitidos apenas oralmente. Então, “porque os recitadores que recitavam trechos da Ilíada e da Odisseia em público ocasionalmente alteravam o texto, a fim de ajustar à ocasião especial ou à própria noção de um arranjo efetivo, então existiram muitas versões em circulação mesmo nos tempos mais antigos. Aí, subsequentemente, surgiram diversas ‘versões urbanas…””. Portanto, “em torno de 1990, o número de tradições manuscritas tinha alcançado 703 para a Ilíada e 236 para a Odisseia” (METZGER and EHRMAN, 2005: 197 e 198n2). Os primeiros registros de um trabalho sistemático de cotejo de manuscritos para se encontrar quais passagens poderiam ser mais próximas do original, ou da versão oral antiga, bem como o trabalho de restauração do texto, são encontrados nos documentos gregos da Antiguidade Helenística, particularmente, entre os bibliotecários da então magnífica Biblioteca de Alexandria, cujo acervo reunia cerca de 600 mil obras, um número extraordinário para a época.

Os diretores da Biblioteca se preocuparam e, por conseguinte, se mobilizaram para disponibilizar aos leitores as edições mais exatas dos poemas homéricos. O primeiro, que temos registro foi Zenódoto de Éfeso (325 – 240 a. e. c.), quem, mesmo antes de 274 a. e. c., realizou uma comparação de muitos manuscritos a fim de restaurar o texto original da Ilíada e da Odisseia. As correções de Zenódoto dos textos foi feita da seguinte maneira: ele eliminou os versos que ele observou como falsos; ele assinalou outros versos como duvidosos, mas os deixou em sua edição; ele transpôs a ordem dos versos e, finalmente, introduziu novas redações que não eram correntes. Após Zenódoto, o diretor da Biblioteca, Aristófanes de Bizâncio (c 257 – 180 a. e. c.), em sua edição da Ilíada e da Odisseia, empregou uma variedade de símbolos críticos para indicar sua opinião sobre a autenticidade dos trechos do texto então assinalados. Seu aluno e sucessor, Aristarco da Somatrácia (c. 220 – c. 144 a. e. c.), editou obras de meia dúzia de autores gregos e publicou duas edições críticas dos poemas de Homero, suplementando assim o número de símbolos críticos que seu antecessor tinha utilizado. De modo que, existiu uma relativamente bem desenvolvida disciplina acadêmica de crítica literária e textual na Antiguidade, principalmente em Alexandria.

I.05. Os Problemas Textuais

Um grande problema na identificação do que é autêntico e do que não é, acontece em virtude de que os primeiros relatos foram registrados apenas de memória e transmitidos oralmente, para que décadas depois fossem transcritos para a forma escrita. Por isso, não sabemos o quanto essa transmissão oral alterou as histórias, durante este período, a qual mesmo depois de registrada na forma escrita, continuou a sofrer alterações, conforme nos demonstra o trabalho de cotejo de manuscritos pela Ciência da Crítica Textual do Novo Testamento. Outro problema é que não foram preservados os manuscritos autógrafos dos quatro evangelhos canônicos, para se ter certeza de que não foram alteradas, nos manuscritos subsequentes, as mais antigas cópias sobreviventes, preservadas na íntegra ou quase completas, são dos séculos IV e V e. c. Pois, nem sequer sabemos quem foram os autores, por isso a denominação "Evangelho segundo São Mateus", "Evangelho segundo São Marcos", etc. O mesmo processo aconteceu com os Textos Apócrifos, também sofreram muitas alterações, o que pode ser confirmado quando comparados os manuscritos sobreviventes. Embora ambos estejam sujeitos às manipulações, as alterações de textos memorizados são mais fáceis de aconteceram do que as mudanças nos textos manuscritos, as últimas são possíveis de serem identificadas através do cotejo de manuscritos, porém os textos transmitidos oralmente não ficam registrados. Estes últimos só são possíveis de se perceber as alterações, quando comparamos as recitações de dois recitadores diferentes de um mesmo texto, portanto temos que confiar nas memórias destes recitadores.

Por exemplo, quando confrontados, mesmo nos evangelhos canônicos e nos apócrifos, as divergências são flagrantes. Na passagem do Protoevangelho de Tiago 5.02 existe uma divergência, entre tantas outras, quanto ao tempo de gestação de Maria no ventre de sua mãe Ana, ou seja, quando foi que ela deu à luz. Alguns manuscritos mencionam que foi "no nono mês" (τω δε εννατω μηνι - to de emmato meni), outros manuscritos "no oitavo mês" (τω δε ογδοω μηνι - to de ogdoo meni) e outros "no sétimo mês" (τω δε εβδομω μηνι - to de ebdomo meni). A edição crítica de

Bart Ehrman e Zlatko Pleše preferiu "no sétimo mês" (to de εβδομω μηνι), ver: EHRMAN, 2011: 44n29. O Evangelho de Pseudo Mateus 4, em latim, menciona "nove meses" (mensibus nouem). Portanto, as divergências nas traduções para as línguas contemporâneas desta passagem não acontecem apenas em virtude de falha dos tradutores, mas sim também em razão de que as traduções foram extraídas de diferentes manuscritos.

Os problemas de alterações textuais do Novo Testamento não são novos, ao contrário são tão antigos ao ponto do pensador Celso, no século II e. c., observar que "os crentes cristãos, tal como pessoas em um surto de embriagues, corromperam os evangelhos de sua integridade original, a um grau triplo, quádruplo e múltiplo, e os remodelaram de tal maneira que puderam ser capazes de responder às objeções" (Origen Against Celsus, vol. II, II.27 - CHADWICK, 1953: 90). Ou seja, à medida que surgiam novas contestações aos textos dos evangelhos, os cristãos primitivos alteravam a redação a fim de invalidar as objeções. Portanto, as alterações textuais começaram bem cedo, muito provavelmente ainda no período de transmissão oral, e depois continuou na fase de transmissão escrita, tal como o trabalho crítico de cotejo entre manuscritos demonstra.

I.06. As Virgens nos Mitos

Relatos de mães virgens que geram filhos divinos, de jovem que é engravidada por um deus, de esposa com relação adúltera com uma divindade e de nascimentos milagrosos são muito comuns nos mitos e nas religiões antigas: Mesopotâmia, Egito, Índia, Grécia e Roma. Relatá-los todos aqui exigiria um texto da extensão de um livro. Portanto, Maria não é o primeiro caso de "imaculada concepção", provavelmente a ideia foi extraída de outros mitos, ou mesmo do próprio Antigo Testamento. A diferença do relato cristão com os outros mitos é que nestes últimos, ou seja, a concepção de uma mortal por um deus não é uma imaculada concepção, com isso aquela mortal se transforma em objeto de adoração. Pois, nos Evangelhos, Maria é concebida pelo Espírito Santo (πνεύμα ἅγιος - pneuma hagios): "Agora, o nascimento de Jesus o Messias aconteceu deste modo. Quando sua mãe Maria tinha ficado comprometida com José, mas antes deles viverem juntos, ela ficou

grávida[3] do Espírito Santo" (Mateus, 1.18 - NRSVU, 2021). Portanto, quando a concepção é com o Espirito Santo, a mulher permanece virgem e passa a ser adorada como uma virgem, enquanto que, com os deuses de outras religiões, a mulher perde a virgindade e não é mais adorada como uma virgem. Por exemplo, a deusa Pārvatī é conhecida no Hinduísmo como a mãe dos deuses Ganesha e Kartikeya (também conhecido por Skanda ou Murugam), em união com o deus Shiva, mas não é adorada como "Virgem Pārvatī". Sem dúvida, a adoração à Virgem Maria no Catolicismo se tornou a mais popular e universal forma de adoração de uma virgem entre todas as religiões da história, atualmente são mais de um bilhão de católicos, embora a maioria não seja formada de cristão praticante.

Uma polêmica é a de que se Maria, após a geração de Jesus, permaneceu virgem ou teve outros filhos, irmãos e irmãs de Jesus. Para os católicos, ela permaneceu eternamente virgem e é adorada como tal até hoje, em contrapartida, no manuscrito Byzantine da coleção Sefer Toledoth Yeshu, Maria, quando foi para o Egito, tal como veremos mais adiante neste estudo, se prostituiu e teve mais filhos e filhas, ou seja, além de perder a virgindade, ela se prostituiu, o que é ainda mais desonroso, ou seja, uma dupla depreciação pelo autor deste texto.

Nos Evangelhos Canônicos, de maneira intrigante, na passagem de Lucas 2.07, Jesus é mencionado como o filho (υἱὸν - uion) primogênito (πρωτότοκον - prototokon) de Maria (τὸν υἱὸν αὐτῆς τὸν πρωτότοκον· - ton uion autes ton prototokon, seu filho primogênito): "E ela deu à luz o seu filho primogênito, e o envolveu em faixas de pano, e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar no quarto de hóspedes" (Lucas 2.07). sugerindo então que sua mãe teve outros filhos após o nascimento de Jesus, pois Jesus foi apenas o primogênito. Este é o ponto de vista defendido por alguns seguimentos protestantes e pentecostais. Entretanto, em outra passagem semelhante, Mateus 1.25, a palavra πρωτότοκον - prototokon (primogênito) está ausente na edição NA 27, sugerindo que Maria gerou Jesus e não teve mais filhos em seguida, portanto eternamente virgem. Esta é a hipótese defendida principalmente pelos católicos. Porém, algumas edições e traduções modernas

3 εὑρέθη ἐν γαστρὶ ἔχουσα - eurete en gastri egousa; literalmente: "ela foi encontrada com criança na barriga".

acrescentam a palavras prototokos (primogênito) no versículo Mateus 1.25: "mas (José) não teve relações conjugais com ela (Maria) até que ela deu à luz um filho primogênito, e ele lhe chamou Jesus". A introdução de prototokos em Mateus 1.25 é explicada assim por Roger L. Omanson: O *Textus Receptus*,[4] seguindo vários manuscritos uncíais e a maioria dos manuscritos minúsculos em grego, insere o artigo τόν (o) diante de υιόν (filho) e acrescenta a locução αυτής τον πρωτότοκον (seu filho primogênito), que foi extraída de Lucas 2.07 (OMANSON, 2010: 04). Enquanto que, na edição crítica NA 27 (Nestlé-Aland), a palavra prototokos (primogênito) em Mateus 1.25 é considerada uma interpolação para combinar com Lucas 2.07, por isso foi omitida. Enfim, as edições e as traduções que seguem a linhagem do *Textus Receptus* acrescentam a palavras prototokos (primogênito) em Mateus 1.25, enquanto que, as que seguem as edições gregas mais críticas de Nestlé-Aland omitem este termo.

I.07. Traduções Polêmicas de Palavras Hebraicas para o Grego e para o Latim

Be-thu-lah é um substantivo feminino hebraico que significa virgem. Bethulah aparece na Bíblia Hebraica (Antigo Testamento para os cristãos), assim: Rebeca (com 10 anos de idade) é apresentada como uma menina, uma virgem que nenhum homem havia conhecido: “A jovem (נערה - na'ărâh) era muito bonita, virgem (בתולה - bethulah), e nenhum homem a conhecia. Ela desceu até a fonte, encheu seu cântaro e voltou” (Gênesis 24:16). Na

4 Do latim "Texto Recebido" ou "Texto Aceito" é uma família de textos impressos do Novo Testamento em grego, que serviu de base para muitas posteriores traduções históricas da Bíblia, como a King James Version, originando-se das edições de Erasmo de Roterdã (1615) no século XVI, muito influentes nos séculos seguintes, e consolidando-se com os editores Stephanus e Elzevir. Embora crucial historicamente, não é considerado hoje o texto original, mas, melhor dizendo, um cotejo baseado apenas em manuscritos bizantinos mais tardios, sendo hoje substituído por textos derivados de manuscritos e testemunhos mais antigos e numerosos. A edição atual mais seguida é a de Nestlé-Aland, com quase trinta revisões.

Septuaginta, tanto as palavras hebraicas na'arah (jovem) e bethulah (virgem) são traduzidas, nesta passagem, pela mesma palavra grega παρθένος - parthenos, que significa uma jovem solteira, uma donzela ou uma virgem,[5], portanto uma mesma palavra para duas diferentes palavras hebraicas, enquanto que, na Vulgata latina, na'arah foi traduzida por "puella" (bela jovem) e bethulah por "virgo" (virgem), ou seja, foi feita a diferenciação entre na'arah (jovem) e bethulah (virgem). Por isso, alguns intérpretes bíblicos argumentam que a diferenciação é preciso ser feita, uma vez que, nem sempre, necessariamente, uma jovem (na'arah) é uma virgem (bethulah).

O livro "Juízes" conta a história de 400 jovens virgens que nunca haviam tido relações íntimas com um homem: "E encontraram entre os habitantes de Jabes-Gileade quatrocentas jovens (נערה - na'arah) virgens (בתולה - betulah נַעֲרָה בְתוּלָה - na'arah bethulah) que nunca haviam se deitado com homem e as levaram para o acampamento em Siló, que fica na terra de Canaã" (Juízes 21:12). Nesta passagem, as palavras hebraicas na'arah e bethulah são mencionas juntas, o que reforça a necessidade da diferenciação entre "jovem" e "virgem". "Desce e senta-te no pó, ó Virgem (בתולה , bethulah), filha da Babilônia; senta-te no chão, sem trono, ó filha dos caldeus..." (Isaías 47:1-3).Também, nesta passagem, a palavra hebraica bethulah é traduzida para o grego por parthenos. “Pois, assim como um jovem se casa com uma virgem (בתולה - bethulah) assim também se casarás com teus filhos; e como o noivo se alegra com a noiva, assim o teu Deus se alegrará contigo” (Isaías 62: 5). Também, nesta passagem, bethulah é traduzida para o grego por παρθένῳ - partheno (jovens), e no latim por virgine (virgens). Entretanto, existem muitas palavras hebraicas para "jovem" ou "juventude"; uma delas é a palavra עלם (eh'-lam); que significa um jovem de maturidade sexual na idade ideal para o trabalho. E עלם eh'-lem (juventude), um jovem do sexo masculino em idade ideal para o trabalho. eh'-lem: um substantivo masculino que significa jovem. Seu equivalente feminino é encontrado na palavra al-mah. O foco deste termo provavelmente é a maturidade sexual . Conota um indivíduo que passou pela puberdade e, portanto, é sexualmente maduro. Assim, eh'-lem é a imagem de um indivíduo que cruzou (ou está cruzando) o limiar da

5 Também é o nome do signo de Virgem no Zodíaco.

infância para a idade adulta e, como tal, está em idade de casar. A forma feminina de עלם (eh'-lem) é עלמה (al-mah'). Ela é uma mulher sexualmente madura, na idade ideal para o trabalho. *עלמה* **(**al-maw) substantivo feminino, uma moça (forte). עלמה **(**eh'-lem): juventude, Uma jovem mulher em idade ideal para o trabalho: *בתולה* **-** almah: A palavra hebraica עלמה (al-mah') é frequentemente traduzida polemicamente por "virgem". Uma bethulah' (virgem) pode ser uma al-mah (mulher jovem sexualmente madura) e vice-versa; mas essas duas palavras não são sinônimas. Uma betulah' não é necessariamente uma mulher jovem e uma mulher jovem não é necessariamente uma virgem. Uma freira aos 60 anos de idade é uma virgem, em função do seu voto de castidade, mas não é uma jovem, enquanto que, uma adolescente engravidada aos 16 anos de idade é uma jovem, mas não é uma virgem.

Já mencionamos que Rebeca era uma virgem (בתולה , bethulah) que não havia conhecido um homem. “A jovem (נערה - naʿărâh) era muito bonita, virgem (בתוּלה - betulah), e nenhum homem a conhecia. Ela desceu até a fonte, encheu seu cântaro e voltou” (Gênesis 24:16). Mas, quando Eliezer relembra sua história ao pai de Rebeca (Bethuel), ele se refere a Rebeca como uma jovem mulher (עלמה - al-mah), uma mulher sexualmente madura na idade ideal para o trabalho, porque ele não tinha conhecimento de seu verdadeiro estado sexual. “E neste dia cheguei ao poço e disse: “ Senhor, Deus do meu senhor Abraão, se agora me fizeres prosperar o caminho que estou seguindo! Estou aqui junto à fonte; que a jovem (עלמה , al-mah) que vier tirar água, a quem eu disser: “Por favor, dá-me um pouco de água do teu cântaro para beber” (Gênesis 24:42-43). Observe que aqui a palavra hebraica para "jovem" agora é (עלמה , al-mah), ou seja, uma jovem que necessariamente pode ser ou não uma virgem.

Pois, é essencial que entendamos a diferença entre essas duas palavras se quisermos percebemos o significado sobre o suposto “nascimento virginal” de Yeshua (Jesus). O versículo-chave que a maioria dos cristãos usa para essa interpretação é uma mensagem de Jeová, transmitida por Isaías a Acaz, rei de Judá: “Portanto, o meu Senhor (Jeová) vos dará um sinal: Eis que a jovem (העלמה **-** a al-mah', e não bethulah), conceberá e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel . Ele comerá coalhada e mel , para que saiba rejeitar o mal e escolher o bem. Porque antes que

o varão saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra que temeis será abandonada pelos seus dois reis" (Isaías 7:14-16). Novamente a palavra aparece em Isaías: "Pois, assim como um jovem se casa com uma virgem (בתולה - bethulah), assim os teus filhos se casarão contigo. E, assim como o noivo se alegra com a noiva, assim o teu Deus se alegrará contigo" (Isaías 62:5). Portanto, observe que, quando se deseja mencionar uma jovem em geral, as palavras hebraicas são העלמה - a al-mah ou נערה - na'ărâh, mas quando se deseja especificar que mulheer é uma virgem, a palavra é (בתולה - bethulah.

Levítico 21.14 especifica diferentes tipos de mulheres: "A viúva (אלמנה - almânâh), a divorciada (גָּרַשׁ - gârash), a mulher desonrada (חָלַל châlâl) ou a prostituta (זָנָה zânâh), com essas não se casará. Casará com uma virgem (בְּתוּלָה - bethulah) do seu povo". Na Septuaginta, bethulah é traduzida por παρθένος - parthenos e na Vulgata por puella (menina, moça, mulher nova, pode significar também uma cadela nova), a qual não precisa ser, necessariamente, uma virgem (virgo). Deuteronômimo 22.15-7 é ainda mais específico: O pai e a mãe da jovem (נַעֲרָה - na'ărâh) apresentarão então a prova da virgindade (בתולים - bethuliym) da jovem (נַעֲרָה - na'ărâh) aos anciãos da cidade, junto à porta. O pai da jovem (נַעֲרָה - na'ărâh) dirá aos anciãos: 'Dei minha filha em casamento a este homem, mas ele não gosta dela, e agora inventou acusações contra ela, dizendo: "Não encontrei prova da virgindade (בתולים - bethuliym) de sua filha". Mas aqui está a prova da virgindade da minha filha.' Na Septuaginta, a tradução de נַעֲרָה - na'ărâh (jovem) é a palavra grega παῖς - pais, a qual é mais utilizada no sentido de "criança", e virgindade (ולים - bethuliym) é traduzida por παρθένια - parthenia (virgindade),[6] daí a polissêmica palavra cognata παρθένος - parthenos (menina, moça, jovem ou virgem).

Em êxodo 2.08: "E a filha do faraó disse para ela. Vá. E a jovem (עַלְמָה - 'almâh) foi e chamou a mãe da criança". Neste versículo, a palavra hebraica almah é traduzida ao grego por νεᾶνις - neanis (mulher jovem, moça) e no latim por puella (moça, menina, jovem). Em Êxodo 22.16: "Quando um homem seduzir uma virgem (bethulah) que não está prometida em casamento e se deitar com ela, ele lhe pagará o dote e a tomará por esposa". A palavra

6 Etymological Dictionary of Greek, Robert Beekes, vol. II, p. 1153.

hebraica bethulah é traduzida em grego por παρθένος - parthenos e no latim por virgo. Em Provérbios 30.19, ao tratar do tratamento de uma coisa com outras, a última frase "... e o modo de um homem com uma jovem (almah)" foi traduzida confusamente para o grego e para o latim. A palavra almah é traduzida em grego por νεότητι - neoteti, que é o dativo de νεότης - neotes (juventude), portanto neoteti significa "para a juventude". A tradução latina também se confundiu e traduziu esta última frase assim; "et viam viri in adolescentia", e o modo de um homem na adolescência.

Vejamos agora as palavras gregas e latina traduzida por virgem nos Evangelhos Canônicos, cujas menções mais claras aparecem em Lucas 1.27: "No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem[7] (παρθένος - parthenos) prometida em casamento a um homem chamado José, da casa de Davi. O nome da virgem (παρθένος - parthenos) era Maria (Lucas 1.27), na Vulgata, em ambas as passagens, a tradução latina para "parthenos" é "virgo" (virgem). O versículo adiante, 1.34, procura especificar que παρθένος - parthenos se refere à virgindade: Maria perguntou ao anjo: “Como isso acontecerá, se nunca conheci um homem?” Esta última frase "se nunca conheci um homem", traduzida do grego ἐπεὶ ἄνδρα οὐ γινώσκω, tem significado controvertido e por isso é traduzida diversamente nas Bíblias atuais. Na Vulgata, a tradução é "quoniam virum non cognosco? (uma vez que não conheço um homem?) Enquanto que, algumas traduções modernas são mais explicativas: "se nunca mantive relação sexual com um homem?"

Em Mateus 1.23: "Eis que a virgem (παρθένος - parthenos) conceberá e dará à luz um filho, e lhe chamarão Emanuel”, na Vulgata a tradução é virgo (virgem). Em Mateus 25.01: "Então o reino dos céus será assim: Dez jovens mulheres (παρθένοις - parthenois) tomaram suas lâmpadas e saíram ao encontro do noivo", na Vulgata a tradução é decem virginibus (dez virgens) em 25.07: "Então todas aquelas jovens mulheres (παρθένοι - parthenoi) se levantaram e prepararam as suas lâmpadas. Em 25.11: "Mais tarde, vieram também as outras jovens (παρθένοι - parthenoi), dizendo: 'Senhor, senhor, abra-nos a porta!", na Vugata a tradução é virgines (virgens), em Atos 21.09: Ele tinha quatro filhas solteiras

7 Ou jovem, que pode não ser necessariamente uma virgem.

θυγατέρες τέσσαρες παρθένοι - tugatéres téssares parthénoi) que tinham o dom da profecia", a tradução latina na Vulgata é: quatuor filiæ virgines - quatro filhas virgens. De modo que, todas estas passagens, os tradutores contemporâneos se dividem em traduzir παρθένοι - parthenoi por "jovens mulheres" ou por "virgens".

Enfim, o significado de παρθένος - parthenos é ambíguo. Diferente do significado na Bíblia, parthenos aparece no sentido de "mulheres solteiras que não são virgens" no *A Greek-English Lexicon* de Henry G. Liddell e Robert Scott e menciona algumas passagens em obras gregas onde este sentido aparece. Se for assim, o termo grego não especifica se a mulher é uma jovem ou uma virgem, ou ambas. Uma vez que o sentido de parthenos pode ser o de uma jovem ou o de uma virgem. Alguns pesquisadores, sobretudo os autores judeus, opinam que não é possível obter certeza de se, no Novo Testamento, Maria é mencionada como uma jovem (que pode não ser uma virgem) ou uma virgem que também é jovem, visto que ambos sentidos servem para a palavra παρθένος - parthenos. Entretanto, a passagem Lucas 1.34: "Como isso acontecerá, se nunca conheci um homem?" portanto especifica que parthenos, no versículo I.27, se refere que Maria era uma virgem no momento a concepção.

I.08. A Classificação das Versões

As menções de Maria, a mãe de Jesus, nos textos fora dos evangelhos canônicos podem ser divididas da seguinte maneira:
1) As menções elogiosos: nos evangelhos apócrifos - Maria é virgem e a mãe do filho de Deus
2) As menções moderadamente elogiosas: nas escrituras islâmicas: Alcorão e Hadiths - Maria é pura, mas não é a mãe do filho de Deus, pois Jesus é apenas um profeta de Alá.
3) As menções pejorativas: no Talmude e na coleção Sefer Toledoth Yeshu, onde Maria não é virgem, mas sim uma mãe adúltera, então Jesus é um filho bastardo.

Portanto, o estudo seguinte seguirá esta ordem de tratamento, começando pelas abordagens mais exaltadoras, em seguida as abordagens moderadas e, por fim, as abordagens depreciativas. Também, nos apócrifos e na coleção Sefer Toledoth Yeshu, os episódios serão dispostos em ordem de composição, ou

seja, os mais antigos primeiros e os mais tardios em seguida, bem como em ordem de extensão, isto é, os mais curtos primeiro e os mais extensos posteriormente, a fim de que o leitor perceba o quanto os relatos, dos mesmos episódios, cresceram em extensão e em detalhes à medida que surgiam novas composições.

II. As Versões Elogiosas

II.01. O Nascimento de Maria

No Protoevangelho de Tiago[8] 5.02
Passaram-se seis meses para Ana; e no sétimo mês ela deu à luz. Ela perguntou à parteira: “O que é?” A parteira respondeu: “Uma menina.” Então Ana disse. “Minha alma se alegra hoje.” E deitou a criança. Quando os dias se completaram, Ana lavou o sangue da sua impureza, deu o seu seio à menina e chamou-lhe Maria.

No Evangelho de Pseudo Mateus 4
Após esses acontecimentos, completados os seus nove meses de gestação, Ana deu à luz uma filha, a quem chamou de Maria.

No Evangelho do Nascimento de Maria 5
Assim, Ana concebeu e deu à luz uma filha e, conforme ordenado pelo anjo, os pais lhe deram o nome de Maria.

[Nota: A história de Ana, a mãe de Maria, bem como a do nascimento desta última, é inteiramente omitida nos Evangelhos Canônicos. O Alcorão também é omisso. Pois como mostraremos mais adiante, os relatos sobre Maria são muito mais extensos nos Apócrifos do que nos Canônicos. Sendo assim, é impossível decidir sobre a historicidade dos eventos narrados nos Apócrifos, ou seja, se os Apócrifos acrescentaram outros mitos sobre Maria, ou se os Evangelhos Canônicos é que são omissos. Não apenas no caso acima, mas historiadores sugerem que os acréscimos nos Evangelhos Apócrifos aconteceram para preencher as lacunas narrativas dos Evangelhos Canônicos, uma vez que foram compostos mais tarde. Observe que, no Protoevangelho de Tiago, Ana, a mãe de Maria, deu à luz "no sétimo mês", enquanto que, no

8 Segundo Bart D. Ehrman e Zlatko Plese, este foi o apócrifo que gozou de mais popularidade no fim da Antiguidade e na Idade Média, alguns evangelhos apócrifos foram inspirados e amplificados a partir dele. (EHRMAN, 2011: 31)

Evangelho de Pseudo Mateus, ela deu à luz "quando completados os nove meses de gestação".]

II.02. Maria aos Seis Meses de Idade

No Protoevangelho de Tiago 6.01
Dia após dia, a menina crescia e se fortalecia; quando completou seis meses, sua mãe a pôs no chão para ver se conseguia ficar de pé. E ela deu sete passos e chegou ao colo da mãe. Então, a mãe a tomou no colo e disse: 'Tão certo como vive o Senhor meu Deus, você não andará mais sobre a terra até que eu a leve ao templo do Senhor'. E fez um santuário em seu quarto e não permitiu que nada impuro ou imundo passasse por ali. E chamou as filhas puras dos hebreus, e elas a entretiveram.

[Nota: Outro evento inexistente nos Evangelhos Canônicos. Observe o grau de zelo da mãe de Maria: "... você não andará mais sobre a terra até que eu a leve ao templo do Senhor".]

II.03. O Primeiro Aniversário de Maria

No Protoevangelho de Tiago 6.02
No primeiro aniversário da criança, Joaquim ofereceu um grande banquete e convidou os principais sacerdotes, os sacerdotes, os escribas, os anciãos e todo o povo de Israel. Joaquim levou a criança aos sacerdotes, e eles a abençoaram, dizendo: "Ó Deus de nossos pais, abençoe esta criança e dê a ela um nome eternamente renomado entre todas as gerações". E todo o povo disse: "Assim seja, assim seja, Amém". Então a levaram aos principais sacerdotes, e eles a abençoaram, dizendo: "Ó Deus das alturas celestiais, olha para esta criança e a abençoe com uma bênção suprema, insuperável". E sua mãe a levou para o santuário de seu quarto e a amamentou. E Ana cantou este hino ao Senhor Deus: "Cantarei um hino ao Senhor meu Deus, pois ele me visitou e afastou de mim a afronta dos meus inimigos. E o Senhor me deu o fruto da sua justiça, singular e multifacetado diante dele." Quem contará ao filho de Rúben que Ana amamenta?' E ela a deitou para descansar no quarto do seu santuário, e saiu e os serviu. Quando a festa terminou, eles desceram alegres e glorificando o Deus de Israel.

[Nota: Joaquim é o pai de Maria. A menção de uma anjo que a vistou, acontece uma vez que Ana era estéril e, após as súplicas de seu marido Joaquim, um anjo apareceu anunciando que Ana engravidará. Episódio também inexistente nos Evangelhos Canônicos. A frase que diz que Joaquim convidou "... todo o povo de Israel", obviamente é uma hipérbole para efeito retórico, uma vez que, literalmente, convidar tantas pessoas é uma tarefa impossível].

II.04. A Apresentação de Maria no Templo

No Protoevangelho de Tiago 7
Os meses se passaram e a criança cresceu. Quando ela completou dois anos, Joaquim disse: “Vamos levá-la ao Templo do Senhor, para que possamos cumprir a promessa que fizemos, antes que o Senhor envia-nos algum mal e nossa oferta será inaceitável.' E Ana respondeu: 'Esperemos até o terceiro ano, para que a criança não deseje mais seu pai e sua mãe.' E Joaquim disse: 'Esperemos.' E quando a menina completou três anos, Joaquim disse: 'Chamem as filhas puras dos hebreus, e que cada uma pegue uma tocha, e as acendam, para que a menina não se desvie e seu coração seja tentado a se afastar do Templo do Senhor.' E assim fizeram até subirem ao Templo do Senhor. E o sacerdote a tomou, beijou-a e a abençoou, dizendo: 'O Senhor engrandeceu o teu nome entre todas as gerações; por tua causa o Senhor, no fim dos dias, revelará a sua redenção aos filhos de Israel.' E colocou-a no terceiro degrau do altar, e o Senhor Deus a abençoou, e ela dançou com os pés, e toda a casa de Israel a amou.

[Nota: "... antes que o Senhor envia-nos algum mal", observe como as sociedades antigas eram supersticiosas. Veja o pleonasmo na frase final; "... e ela dançou com os pés", bem como a hipérbole "e toda a casa de Israel a amou". Uma vez que os textos apócrifos não passaram pelas refinadas revisões dos textos canônicos, podemos observar a rispidez da sua linguagem, quando comparamos as duas coleções.]

No Evangelho de Pseudo Mateus 4-05

E, tendo desmamado Maria, no terceiro ano de idade, Joaquim e Ana, sua mulher, foram juntos ao Templo do Senhor para oferecer sacrifícios a Deus e colocaram a criança, chamada Maria, na comunidade das virgens, onde estas permaneciam dia e noite louvando a Deus. E, quando a colocaram diante das portas do Templo, subiu os quinze degraus tão depressa que não olhou para trás; nem, como é costume das crianças, procurou pelos pais. Ao verem isso, seus pais e os sacerdotes do Templo ficaram admirados. Então Ana, cheia do Espírito Santo, disse diante de todos: “O Senhor Todo-Poderoso, Deus dos Exércitos, lembrando-se da sua palavra, visitou o seu povo com uma visitação boa e santa, para abater os corações dos gentios que se levantavam contra nós e convertê-los a si. Abriu os seus ouvidos às nossas orações e afastou de nós a exultação de todos os nossos inimigos.” A estéril tornou-se mãe e deu à luz alegria e júbilo a Israel. Eis as dádivas que trouxe para oferecer ao meu Senhor, e os meus inimigos não puderam me impedir. Pois Deus converteu os seus corações a mim e me concedeu alegria eterna.

[Nota: A frase "A estéril tornou-se mãe e deu à luz alegria e júbilo a Israel" aparece em virtude de que, na cultura judaica, uma mulher estéril é estigmatizada pela sociedade, pois é incapaz de gerar uma criança, algo como uma maldição, portanto muito diferente de outras religiões, o estágio de asceta (samnyasi) no Hinduísmo, os monges e monjas do Budismo, sobretudo a tradição Theravāda e o Cristianismo monástico, onde existe o voto de celibato, cuja prática, portanto, é uma virtude, e não uma maldição, por isso não existem monges e monjas no Judaísmo.]

No Evangelho do Nascimento de Maria 6
Após três anos, quando o período de amamentação chegou ao fim, levaram a Virgem com oferendas ao Templo do Senhor. Havia quinze degraus ao redor do Templo, correspondentes aos quinze Salmos graduais. Como o Templo fora construído sobre uma montanha, o altar de holocaustos em seu exterior só podia ser alcançado pelos degraus. Colocaram a Virgem no primeiro desses degraus. De acordo com o costume, despiram-se de suas roupas de viagem. Enquanto vestiam roupas limpas e novas, a Virgem subiu degrau por degrau, sem a ajuda de ninguém, de tal forma que se

poderia crer que ela já era adulta. Na infância da Virgem, o Senhor já realizara um grande feito e demonstrara a grandeza que ela alcançaria pelo sinal desse milagre. Após celebrarem o sacrifício de acordo com o costume da Lei e fazerem seu voto, deixaram a Virgem no interior do Templo com as outras virgens que ali eram criadas.

[Nota: Tanto aqui, como nas citações posteriores, observe que a medida que o tempo progride, as narrativas dos episódios se tornam mais extensas, uma vez que os evangelhos aqui estão posicionados em ordem cronológica, ou seja, dos mais antigos para os mais tardios. Portanto, diante disto, não sabemos se os mais antigos eram omissos, ou se os mais tardios acrescentaram novos detalhes omitidos nos anteriores, muito provavelmente em ambos os casos são relatos extraídos da tradição oral. O Protoevangelho de Tiago é apontado, por muitos estudiosos, como a fonte para a composição dos posteriores evangelhos apócrifos sobre a vida de Maria.]

II.05. Maria no Templo

No Protoevangelho de Tiago 8.01
E seus pais voltaram maravilhados, louvando o Senhor Deus porque a menina não havia voltado atrás. E Maria estava no Templo do Senhor, nutrida como uma pomba e alimentada pela mão de um anjo. (1).

No Evangelho do Nascimento de Maria 6-7
Eles próprios retornaram para casa. À medida que crescia, a Virgem do Senhor progredia em virtude dia após dia. E isso porque, nas palavras do Salmista, “quando seus pais a deixam, Deus a acolhe”. Todos os dias ela era assistida por anjos, todos os dias desfrutava da visão divina, que a preservava de todo o mal e lhe concedia bondade em abundância.

No Evangelho de Pseudo Mateus 6-7
Maria era admirada por todo o povo de Israel; e, quando tinha três anos, caminhava com passos tão maduros, falava com tanta perfeição e dedicava-se com tanta diligência aos louvores de Deus, que todos se maravilhavam e se admiravam com ela; e não era

considerada uma criança pequena, mas como uma pessoa adulta. Era tão constante na oração, e sua aparência era tão bela e gloriosa, que quase ninguém conseguia olhar em seu rosto. E ocupava-se constantemente com seu trabalho de tecelagem, de modo que, em sua tenra idade, podia fazer tudo o que as mulheres idosas não conseguiam fazer. E esta era a ordem que ela havia estabelecido para si mesma: da manhã até a terceira hora, permanecia em oração; da terceira à nona, dedicava-se à tecelagem; e da nona, voltava a orar. Não se retirava da oração até que lhe aparecesse o anjo do Senhor, de cuja mão costumava receber alimento; e assim se tornava cada vez mais perfeita na obra de Deus. Então, quando as virgens mais velhas descansaram dos louvores a Deus, ela não descansou de modo algum; de forma que, nos louvores e vigílias a Deus, ninguém se encontrava antes dela, ninguém mais instruído na sabedoria da lei de Deus, mais humilde em sua piedade, mais elegante em seu canto, mais perfeito em toda virtude. Ela era, de fato, firme, inabalável, imutável e progredia diariamente para a perfeição. Ninguém a viu irada, nem a ouviu falar mal. Toda a sua fala era tão cheia de graça que se reconhecia que Deus estava em sua língua. Ela estava sempre engajada em oração e no estudo da lei, e temia não pecar com nenhuma palavra sua em relação aos seus companheiros. Além disso, temia que, em seu riso ou no som de sua bela voz, cometesse alguma falta, ou que, em sua alegria, demonstrasse alguma injustiça ou arrogância para com algum de seus iguais. Ela bendisse a Deus sem interrupção; e, caso, mesmo em sua saudação, deixasse de louvar a Deus, se alguém a cumprimentasse, ela respondia com a saudação: "Graças a Deus". E foi dela que surgiu o costume dos homens de dizerem: "Graças a Deus" ao se cumprimentarem. Ela se alimentava apenas com o alimento que recebia diariamente da mão do anjo; mas o alimento que obtinha dos sacerdotes, ela dividia entre os pobres. Os anjos de Deus frequentemente eram vistos conversando com ela, e eles a obedeciam diligentemente. Se alguém que estivesse doente a tocasse, na mesma hora voltava para casa curado. Então Abiatar, o sacerdote, ofereceu inúmeros presentes aos principais sacerdotes, a fim de que pudesse obtê-la como esposa para seu filho. Mas Maria os impediu, dizendo: “Não pode ser que eu conheça um homem, nem que um homem me conheça”. Pois todos os sacerdotes e todos os seus parentes lhe diziam: “Deus é adorado nos filhos e venerado

na posteridade, como sempre aconteceu entre os filhos de Israel". Mas Maria respondeu e disse-lhes: "Deus é primeiramente adorado na castidade. Pois antes de Abel não havia nenhum justo entre os homens; e ele, com suas ofertas, agradou a Deus, e foi morto sem misericórdia por aquele que o desagradou. Portanto, ele recebeu duas coroas: a da oblação e a da virgindade, porque em sua carne não havia impureza. Elias também, quando estava na carne, foi arrebatado na carne, porque manteve a sua carne imaculada. Ora, eu, desde a minha infância no templo de Deus, aprendi que a virgindade pode ser suficientemente cara a Deus. E assim, porque posso oferecer o que é caro a Deus, resolvi no meu coração não conhecer nenhum homem.

[Nota: Enquanto a mãe de Maria, Ana, era estigmatizada por não ter uma prole, Maria, em contrapartida, é elogiada aqui por sua virgindade e escolheu a vida de celibato, ademais era "admirada por todos em Israel". Passagem tão extensa e repleta de detalhes como esta acima, sobre apenas um episódio, tão mais extenso que os correlatos, nos leva a indagar de onde eram extraídos estes dados, uma vez que não existiram registros históricos por escrito, tampouco testemunhas oculares, visto que os textos foram compostos alguns séculos após os fatos, só pode ter sido interpolações criadas pelas tradições orais. "Maria era admirada por todo o povo de Israel" é outro exagero. Se fosse realdade, não existiriam as desconfianças sobre a legitimidade de Jesus nos Evangelhos Canônicos, e as versões depreciativas divulgadas por judeus e mencionadas pelos primeiros heresiólogos cristãos (Justino o Mártir, Orígenes, etc.).]

Nas Perguntas (Evangelho?) de Bartolomeu II.15-9
15. Quando eu habitava no Templo de Deus e recebia meu alimento da mão de um anjo, um dia me apareceu alguém na forma de um anjo; mas seu rosto era indescritível e em sua mão não havia pão nem taça, como o anjo que me visitava antes. 16. E imediatamente o véu do Templo se rasgou e houve um violento terremoto, e eu caí por terra, pois não podia suportar vê-lo. 17. Mas ele me pegou com a mão e me levantou. E eu olhei para o céu; e uma nuvem de demônios caiu sobre meu rosto e me aspergiu da cabeça aos pés, e ele me enxugou com seu manto 18. Então ele me disse: Salve, tu que és altamente agraciada, veiculo escolhido! E então ele tocou o

lado direito de sua veste e veio um pão extremamente grande, e ele o colocou sobre o altar do Templo, e primeiro comeu dele e depois me serviu também. 19. E novamente, ele tocou sua veste, do lado esquerdo, e eu olhei e vi um cálice cheio de vinho. E ele o colocou sobre o altar do Templo, e dele bebeu primeiro ele mesmo e também o serviu a mim. E eu olhei e vi que o pão não havia diminuído e o cálice estava cheio como antes.

[Nota: Observe quem nesta última passagem, diferente das anteriores, é Maria quem narra o episódio. Sobre este texto, *As Perguntas de Bartolomeu*, os pesquisadores não sabem ainda com certeza, se ele é ou não o mesmo citado como *Evangelho de Bartolomeu* por Jerônimo (século IV e. c.). Os textos e as redações das recensões sobreviventes em grego, em latim e em eslavo divergem consideravelmente, por isso os tradutores e editores as publicam paralelamente, ver: SCHNEEMELCHER, 2003: vol. I, 540-51 e JAMES, 1969: 167-81). algumas coleções de apócrifos as omitem em virtude da confusão textual: OTERO, 1956; ELLIOTT, 2005 e EHRMAN, 2011. As diferenças podem variar até o ponto de que, em duas versões (grega e latina) da obra, o diálogo com Jesus acontece com ele já ressuscitado após a ressurreição, enquanto a recensão em eslavo situa o diálogo durante o ministério de Jesus, antes de sua morte.

Os milagres das passagens acima são mais exemplos, dentre tantos outros, do quanto os Evangelhos Apócrifos são mais mitológicos do que os Evangelhos Canônicos. Alimentar-se apenas de pão e vinho, mesmo que seja das mãos de um anjo é, biologicamente, subnutrição, sobretudo na fase de crescimento de uma pessoa jovem, de modo que desconhecemos alguém que tenha conseguido se manter saudável com uma dieta tão carente de nutrientes, só é possível sobreviver saudável e forte com esta insuficiente alimentação nos relatos mitológicos. Alimentar-se apenas de pão e vinho é quase como um jejum, também o consumo diário de tanto vinho na infância e na adolescência não é nutritivamente recomendável.]

II.06. Maria na Idade de Doze Anos

No Protoevangelho de Tiago 8.02-3

Quando ela completou doze anos, reuniu-se um conselho dos sacerdotes, que disse: “Eis que Maria completou doze anos no templo do Senhor. Que faremos com ela, para que não profane o templo do Senhor?” Disseram ao sumo sacerdote: “Tu estás junto ao altar do Senhor; entra no santuário e ora por ela; e faremos o que o Senhor te revelar”. Então o sumo sacerdote vestiu a veste com os doze sinos, entrou no Santo dos Santos e orou por ela. E eis que um anjo do Senhor lhe apareceu e disse: “Zacarias, Zacarias, sai e reúne os viúvos do povo; e a quem o Senhor der um sinal, ela será por esposa”. E os arautos saíram por toda a região da Judeia; ao som da trombeta do Senhor, todos vieram correndo.

No Evangelho de Pseudo Mateus 8
Quando ela tinha doze anos, os fariseus disseram que era costume nenhuma mulher daquela idade permanecer no Templo de Deus. Então, bolaram o plano de enviar um arauto por todas as tribos de Israel, para que no terceiro dia todos se reunissem no Templo do Senhor. E quando todo o povo se reuniu, Abiatar, o sumo sacerdote, clamou-se e levantou a um degrau mais alto, para que pudesse ser visto e ouvido por todo o povo; e quando se obteve grande silêncio, ele disse: “Ouçam-me, filhos de Israel, e recebam as minhas palavras em seus ouvidos. Desde que este Templo foi construído por Salomão, sempre houve neles virgens, filhas de reis e filhas de profetas, e de sumos sacerdotes e sacerdotes; e elas eram grandes e dignas de admiração. Mas quando atingiam a idade correspondiam, eram dadas em casamento e seguiam o exemplo de suas mães, sendo pregado a Deus. Mas uma nova ordem de vida foi descoberta somente por Maria, que promete que permanecerá virgem para Deus”. Portanto, parece-me que, por meio de nossa investigação e da resposta de Deus, devemos procurar a quem ela deve ser confiável. Então, essas palavras foram bem recebidas por toda a sinagoga. E os sacerdotes lançaram uma espécie sobre as tribos doze, e uma espécie caíram sobre a tribo de Judá. E o padre disse: ‘Amanhã, venha todo aquele que não tem esposa e traga sua vara na mão.’

No Evangelho do Nascimento de Maria 7
Ela chegou aos quatorze anos de tal forma que somente os ímpios conseguiam encontrar algo para repreendê-la; as pessoas boas que

a conheciam julgavam sua vida e conduta dignas de admiração. Então, o Sumo Sacerdote ordenou publicamente a todas as virgens que estavam sendo ensinadas no Templo e que já haviam completado sua juventude que retornassem para suas casas para se prepararem para o casamento, de acordo com os costumes da nação e sua maturidade. Enquanto as outras obedeciam calmamente a essa ordem, somente Maria, a Virgem do Senhor, respondeu que não podia fazê-lo porque seus pais a haviam consagrado ao serviço do Senhor e, além disso, como ela mesma havia prometido sua virgindade ao Senhor, não poderia violar esse voto unindo-se a um homem. O Sumo Sacerdote estava aflito, pois sabia que não se podia violar uma promessa contrariando as Escrituras que diziam: “Façam votos e cumpram-nos”, e porque não ousava introduzir um costume estrangeiro na nação. Então, estipulou que, na festa que se aproximava, todos os cidadãos ilustres de Jerusalém e das localidades vizinhas estivessem presentes para que ele pudesse aprender com seus conselhos o que deveria ser feito em um caso tão controverso. Assim aconteceu, e todos concordaram que o Senhor deveria ser consultado sobre o assunto. Enquanto o povo se prostrava em oração, o Sumo Sacerdote fez a indagação conforme o costume. Sem demora, uma voz vinda do oráculo e do lugar de propiciação foi ouvida por todos, dizendo que se deveria seguir o profeta Isaías para aprender a quem a Virgem deveria ser confiada e prometida em casamento. Isaías havia dito: “E sairá uma vara da raiz de Jessé, e um renovo brotará da sua raiz, e o Espírito do Senhor repousará sobre ela; o espírito de sabedoria e de conhecimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de entendimento e de piedade, e o espírito do temor do Senhor a encherá”. Assim, de acordo com esta profecia, todos os membros da casa e da família de Davi, em idade de casar, e os solteiros, levaram suas varas ao altar. E se uma pequena vara florescesse após a oferenda, e se na sua ponta o Espírito Santo, em forma de pomba, descesse, o seu dono seria aquele a quem a Virgem seria confiada e dada em casamento.

Na História de José o Carpinteiro 3 e 4
3 (1) Enquanto meu pai José permaneceu viúvo, minha mãe Maria, boa e bendita em tudo, habitava no templo e ali servia em pureza, tendo crescido até os doze anos: passou três anos na casa de seus

pais e outros nove anos no templo do Senhor. (2) Então os sacerdotes, vendo a virgem viver reverentemente e habitar no temor do Senhor, falaram uns com os outros, dizendo: 'Vamos procurar um bom homem e desposá-la com ele até o tempo do casamento, para que não a sobreponhamos ao costume das mulheres no templo e não caiamos em grande pecado.'
Imediatamente chamaram a tribo de Judá e escolheram dela doze pessoas, correspondentes aos nomes das doze tribos de Israel. A sorte caiu sobre o bom e velho José, meu pai segundo a carne. Então, os sacerdotes falaram e disseram à minha bendita mãe virgem: 'Vá com José e obedeça-lhe até que chegue o tempo do casamento.' Meu pai José acolheu Maria, minha mãe, em sua casa. Ela encontrou o menino Tiago na tristeza do orfanato e começou a criá-lo; por isso, ela foi chamada Maria de Tiago. Depois que José a acolheu em sua casa, ele partiu para trabalhar como carpinteiro. Maria, minha mãe, passou dois anos em sua casa até o tempo certo.

[Nota: Observe que, nesta última citação, História de José o Carpinteiro, é o próprio Jesus quem narra a história da sua mãe, algo como uma autobiografia. Imagine o quanto um cristão atual ficará surpreso ou, pior ainda, horrorizado, quando souber que existiu uma autobiografia de Jesus! Impressionante o ponto que chegou a imaginação dos primeiros cristãos na criação de mitos, agora imagine a confusão que era o Cristianismo no início.]

II.07. Maria, a Tecelã do Véu do Templo

No Protoevangelho de Tiago 10
Ora, um conselho de sacerdotes disse: 'Vamos fazer um véu para o Templo do Senhor.' E o sacerdote disse: 'Chamem-me virgens puras da tribo de Davi.' Os oficiais saíram e procuraram, e encontraram sete virgens. Então o sacerdote lembrou-se da menina Maria, que era da tribo de Davi e era pura diante de Deus. E os oficiais foram buscá-la. Então as levaram ao Templo do Senhor, e o sacerdote disse: 'Lancem sortes para ver quem tecerá o ouro, o jasmim, o linho, a seda, o azul-jacinto, o carmesim e a púrpura pura'. A púrpura pura e o carmesim caíram por sorteio em Maria. E ela os tomou e voltou para casa. Naquele tempo, Zacarias ficou mudo, e Samuel

tomou o seu lugar até que Zacarias pudesse falar novamente. Maria pegou o carmesim e o fiou.

No Evangelho do Pseudo Mateus 8
Então José recebeu Maria, juntamente com as outras cinco virgens que estavam com ela na casa de José. Essas virgens eram Rebeca, Séfora, Susana, Abigeia e Zael; a estas o sumo sacerdote deu a seda, o azul, o linho fino, o escarlate, a púrpura e o linho fino. Pois lançaram sortes entre si sobre o que cada virgem faria, e a púrpura, para o véu do Templo do Senhor, caiu na sorte de Maria. E quando ela a recebeu, aquelas virgens lhe disseram: "Visto que és a última, a mais humilde e a mais jovem de todas, mereceste receber e obter a púrpura". E dizendo isso, como que em tom de afronta, começaram a chamá-la de rainha das virgens. Enquanto faziam isso, o anjo do Senhor apareceu no meio deles e disse: "Estas palavras não foram ditas em vão, mas profetizadas como uma profecia certíssima". Amedrontados com a presença do anjo e suas palavras, eles oraram pedindo perdão e que ela orasse por eles.

II.08. Um Anjo enviado para Maria

Em Lucas 1.26-27.
No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento a um homem chamado José, da casa de Davi. O nome da virgem era Maria.

No Evangelho de Pseudo Mateus 9.01 e 02
No segundo dia, enquanto Maria estava na fonte para encher o seu cântaro, apareceu-lhe o anjo do Senhor, dizendo: "Bem-aventurada és tu, Maria, porque no teu ventre preparaste uma morada para o Senhor. Pois eis que a luz do céu virá e habitará em ti, e por meio de ti brilhará sobre todo o mundo. (01)
Novamente, no terceiro dia, enquanto trabalhava com os dedos na púrpura, entrou um jovem de inefável beleza. Ao vê-lo, Maria ficou com medo e tremeu. (02)

No Evangelho do Nascimento de Maria 9.01

Naquele momento, logo que chegou à Galileia, o anjo Gabriel foi enviado por Deus para lhe falar da concepção do Senhor e explicar como e de que maneira isso aconteceria. Ao entrar em sua casa, ele encheu o cômodo onde ela estava com uma luz imensa.

[Nota: Percebe que sempre os relatos nos apócrifos são mais extensos e mais detalhados do que o relato canônico.

No Alcorão 19.17, 3.42 e 66.12
Então, nós enviamos o Nosso Espírito para aparecer diante dela na forma de um homem perfeito (19.17).

[Nota: A expressão "Nosso Espírito" (Ruhana) deriva de Rūh que significa literalmente: respiração da vida, alma, espírito, aparece em algumas traduções do Alcorão como "anjo Gabriel", uma vez que em outras passagens este Espírito é identificado com o anjo Jibril, pois Rūh é um nome especial do anjo Jibril, às vezes chamado de al-Rūh, "o Espírito" (ALI, 2003: vol. II, 954n9). Observe a semelhança da palavra árabe Rūh (espírito, alma) com a palavra hebraica Ruach (alma).]

E quando os anjos disseram: “Ó Maria! Certamente Deus te escolheu, te purificou e te elegeu acima de todas as mulheres do mundo (3.42).

"... Sopramos nela (Maria) nosso Espírito..." (66.12).

Nas Perguntas (Evangelho?) de Bartolomeu II.20-1
20. Então ele (o anjo) disse: “Daqui a três anos enviarei a minha palavra, e você conceberá meu filho, e por meio dele todo o mundo será salvo. Mas você trará a salvação ao mundo. A paz esteja com você, agraciada, e a minha paz estará com você para sempre.” 21. E, tendo dito isso, desapareceu da minha vista, e o Templo ficou como antes.

[Nota: Enquanto que em Lucas 1.12-7, Maria é mencionada duas vezes como virgem, em todas as passagens acima dos apócrifos, ela não é mencionada como virgem. Na passagem anterior, o anjo afirma que o filho será seu.]

Na Epistula Apostolorum 14.59-63
"Naquela época, eu apareci na forma do arcanjo Gabriel para a virgem Maria e falei com ela, e seu coração me recebeu, ela acreditou em mim e riu, e eu, a Palavra, entrei nela e me tornei carne, e eu mesmo fui servo para mim mesmo, e na semelhança de um anjo, tal como ele (Gabriel), eu farei e depois disso, eu irei para meu Pai".

[Nota: Neste imediatamente acima, Maria é citado como virgem. As divergências nos textos do Cristianismo inicial são tão numerosas que é possível encontrar versões da concepção de Maria, tal como esse texto apócrifo acima, conhecido por *Epistula Apostolorum* (Epístola dos Apóstolo), 14.59-63, provavelmente composta na metade do século II e. c., um diálogo entre os apóstolos e Jesus após a sua ressurreição, no qual, diferente da maioria das versões, é o próprio Jesus quem assume a forma do anjo Gabriel e entra no ventre de sua mãe Maria. De maneira que a frase: "eu apareci na forma do arcanjo Gabriel para a virgem Maria e falei com ela, e seu coração me recebeu, ela acreditou em mim e riu, e eu, a Palavra, entrei nela e me tornei carne" leva o leitor a entender como um ato de "incesto divino". Na Mitologia Grega, a prática de incesto é muito comum.

Ademais, observe o caráter tosco da redação desta passagem. Este texto apócrifo, uma grande falsificação no início da Cristandade, talvez por volta do ano 160 e. c., é uma carta dos 12 apóstolos a todas as igrejas cristãs da época, com claros objetivos ideológicos e sectários, foi composta muito provavelmente em grego, porém o manuscrito grego não foi preservado, portanto temos apenas duas traduções mais completas em etíope (ainda utilizada pela Igreja Ortodoxa Etíope) e em copta (faltando os seis primeiros capítulos). Para detalhes, ver SCHNEEMELCHER, 2003: vol. I, 252s.]

II.09. A Saudação

Em Lucas 1.28
E ele (o anjo) aproximou-se dela e disse: ‘Salve, agraciada, o Senhor está contigo!

No Protoevangelho de Tiago 11.01
E ela tomou o cântaro e saiu para tirar água; e eis que uma voz disse: ‘Salve, agraciada! O Senhor está contigo; bendita és entre as mulheres.

No Evangelho de Pseudo Mateus 9.02
E ele (o anjo) lhe disse: ‘Ave Maria, cheia de graça, o Senhor está convosco; bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre.’

No Evangelho do Nascimento de Maria 9.01
...e a saudou com grande alegria, dizendo: "Saúdo-te, Maria, Virgem tão agradável ao Senhor, Virgem cheia de graça, o Senhor está contigo. Bendita és entre todas as mulheres e bendita entre todos os homens que já nasceram".

II.10. A Reação de Maria

Em Lucas 1.29
Mas ela ficou muito perturbada com a frase e refletiu sobre que tipo de saudação poderia ser aquela.

No Protoevangelho de Tiago 11.01
E ela olhou para a direita e para a esquerda para ver de onde vinha aquela voz. E, tremendo, foi para casa, pousou a jarra, pegou o tecido roxo, sentou-se em seu banco e desenrolou o fio.

No Evangelho de Pseudo Mateus 9.02
Ao ouvir essas palavras, ela tremeu e ficou com medo.

No Evangelho do Nascimento de Maria 9.02
A Virgem, que já conhecia bem os rostos dos anjos e estava familiarizada com a luz celestial, não se assustou com a visão do anjo nem se deixou abater pela intensidade da luz. Mas ficou perturbada com as próprias palavras dele e começou a se perguntar o que aquela saudação incomum significava, o que continha e a que propósito a conduziria.

[Nota: na passagem acima, diferentes das outras, Maria não se assustou com a presença do anjo.]

No Alcorão 19.18
Ela disse: "Na verdade, eu busco refúgio no Mais Misericordioso contra você (então me deixe sozinha), se você for um temente a Deus,"

[Nota: Perceba as diferenças nos relatos, tanto na comparação do texto canônico com os apócritos, como também entre os próprios apócrifos, e também quando comparado ao Alcorão. Invariavelmente, os textos apócritos são mais extensos, de maneira que, no início, para os cristãos ortodoxos da época, os apócrifos eram interpolações, enquanto que, para as correntes cristãs (arianos, nestorianos, gnósticos, ebionitas, etc.) rejeitadas nos primeiros concílios, os evangelhos canônicos eram omissões e censura.

A frase entre parênteses "então me deixe sozinha", no Alcorão, não aparece no texto árabe, trata-se de um acréscimo feito pelos tradutores para conseguir mais sentido para a frase "se você for um temente a Deus"].

II.11. A Anunciação

Em Lucas 1.30-33
E o anjo lhe disse: "Não tenha medo, Maria, pois você encontrou graça diante de Deus. Eis que você conceberá e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim".

No Protoevangelho de Tiago 11.02
E eis que um anjo do Senhor se apresentou diante dela e disse: "Não temas, Maria, pois encontraste graça diante do Senhor de todas as coisas e conceberás pela sua palavra".

No Evangelho de Pseudo Mateus 9.02

Então o anjo do Senhor acrescentou: "Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um Rei que encherá não só a terra, mas também o céu, e que reinará de geração em geração.

No Evangelho do Nascimento de Maria 9.02-3
O anjo, inspirado por Deus, respondeu ao pensamento dela dizendo: “Não temas, Maria, que esta saudação oculte algo contrário à tua castidade. Na verdade, encontraste graça diante de Deus. Porque escolheste a castidade e a virgindade, conceberás sem pecado e darás à luz um filho. Ele será grande, porque reinará de mar a mar e desde o rio até os confins da terra, e será chamado Filho do Altíssimo, porque aquele que nasce em humildade na Terra reina com o Pai em grandeza. E o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e ele reinará sobre a casa de Jacó por séculos, e o seu reinado não terá fim. Ele é Rei dos reis e Senhor dos senhores, e o seu trono durará para sempre”.

No Alcorão 19.19; 3.43, 45 e 46
Ele disse: “Eu sou apenas um mensageiro do teu Senhor, enviado para te abençoar com um filho puro.” (19.19)

Ó Maria! "Sê devota ao teu Senhor, prostra-te (em oração) e inclina-te juntamente com aqueles que se inclinam" (3.43).

E quando os anjos disseram: “Ó Maria! Alá te dá boas novas de uma Palavra vinda dEle, cujo nome será o Messias, Jesus, filho de Maria; honrado neste mundo e no além, e ele será um dos mais próximos de Alá” (3.45).

[Nota: Observe que na passagem acima, Alcorão 3.45, diferente das outras, não é apenas um anjo que aparece para Maria, mas sim mais de um (al-malaikatu - anjos), enquanto que na passagem do Alcorão 19.19 é apenas um anjo quem fala com Maria "Eu sou apenas um mensageiro do seu Senhor..." (qala innama ana rasulu Rabbiki...).]

"Ele falará ao povo ainda no berço, e falará quando adulto, e será um dos virtuosos" (3.46).

[Nota: Jesus, recém-nascido, falou no berço em Alcorão 19.30-3, um os milagres mais cômicos de Jesus. Para conhecer uma coletânea de milagres cômicos de Jesus, ver: BOTELHO, 2012.]

II.12. A Reação de Maria diante da Anunciação

Em Lucas 1.34
E Maria disse ao anjo: "Como isso acontecerá, se nunca conheci um homem?"

No Protoevangelho de Tiago 11.02
Ao ouvir isso, ela refletiu e disse: "Conceberei pelo Senhor, o Deus vivo, e darei à luz como todas as mulheres dão à luz?"

No Evangelho do Nascimento de Maria 9.04
Às palavras do anjo, a Virgem (Virgo) respondeu, não por incredulidade, mas por querer saber como o parto ocorreria, dizendo: "Como isso pode acontecer? Eu mesma não conheci homem algum por causa do meu voto. Como posso conceber segundo a vontade humana ou dar à luz um filho sem sêmen masculino?"

No Alcorão 3.47 e 19.20
Ela (Maria) disse: "Meu Senhor! Como posso ter um filho se nenhum homem jamais me tocou?" Um anjo respondeu: "Assim será. Alá cria o que Ele quer. Quando Ele decreta algo, simplesmente diz: 'Seja!' E assim é!" (3.47).

Ela disse: "Como posso ter um filho se nenhum homem jamais me tocou, e se não sou impura?" (19.20).

II.13. A Explicação do Anjo

Em Lucas1.35-7
E o anjo lhe disse: ‘O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, o menino que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus. E eis que Isabel, tua parenta, concebeu também um filho na sua velhice; e este é o sexto

mês para aquela que era chamada estéril. Porque para Deus nada é impossível.

No Protoevangelho de Tiago 11.03
E o anjo do Senhor disse: "Não, Maria, porque o poder do Senhor te envolverá com a sua sombra; por isso, o santo que de ti nasceu será chamado Filho do Altíssimo, e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados."

No Evangelho do Nascimento de Maria 9.04
O anjo respondeu: “Não pense que você conceberá como uma humana. Ao contrário, você conceberá como uma virgem (virgo), sem união com um homem; como uma virgem (virgo) você dará à luz e amamentará. O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a protegerá de todas as chamas da paixão. Por isso, aquele que nascer de você, santíssimo por ter sido concebido e nascido sem pecado, será chamado Filho de Deus.”

No Alcorão 19.21
Ele (o anjo) respondeu: “Assim será! Teu Senhor diz: ‘É fácil para Mim. E assim faremos dele um sinal para a humanidade e uma misericórdia de Nossa parte.’ É uma questão já decretada.”

II.14. Reação de Maria à Explicação

Em Lucas 1.38
E Maria disse: "Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra". E o anjo ausentou-se dela.

No Protoevangelho de Tiago 11.03
E Maria disse: ‘Eis aqui a serva do Senhor diante dele; faça-se em mim segundo a tua palavra.

No Evangelho do Nascimento de Maria 9.04
Então Maria, com as mãos estendidas e os olhos voltados para o céu, disse: "Eis aqui a serva do Senhor. Sou indigna do nome de mãe. Farei segundo a tua vontade.

No Alcorão 19.22

Então ela o concebeu e retirou-se com ele (o anjo) para um lugar distante.

[Nota: Observe que este relato contrasta com todos os outros. Ou seja, as outras narrativas mencionam que o anjo se afastou dela, mas não que ela o acompanhou para um lugar distante.]

II.15. A Viagem de Maria à Isabel

Em Lucas 1.39-40
Naqueles dias, Maria se levantou e foi apressadamente para a região montanhosa, a uma cidade de Judá, e entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel.

No Protoevangelho de Tiago 12.02
E Maria, cheia de alegria, foi ter com Isabel, sua parenta, e bateu à porta.

II.16. Isabel Cumprimenta e Abençoa Maria

Em Lucas 1.41-45
Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança saltou em seu ventre; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz: “Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre! E de onde me vem esta honra, que eu possa conceber a Deus que a mãe do meu Senhor deve vir a mim? Pois, quando a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança em meu ventre saltou de alegria. E bem-aventurada aquela que acreditou, porque se cumprirá o que lhe foi dito da parte do Senhor.

No Protoevangelho de Tiago 12.02
Ao ouvir isso, Isabel largou o véu escarlate, correu até a porta, abriu-a e, vendo Maria, a abençoou, dizendo: "Como é que a mãe do meu Senhor veio me visitar? Pois eis que o que está em mim se alegrou e te abençoou!"

II.17. A Reação de Maria

Em Lucas 1.46-55

E Maria disse: "A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque atentou para a humildade da sua serva. Pois eis que, desde agora, todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque o Poderoso fez grandes coisas em meu favor; santo é o seu nome. A sua misericórdia estende-se de geração em geração aos que o temem. Ele mostrou a força com o seu braço; dispersou os soberbos no pensamento do seu coração; depôs dos tronos os poderosos e exaltou os humildes; encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos. Socorreu sua serva Israel em recordação da sua misericórdia, como prometera aos nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre."

No Protoevangelho de Tiago 12.02
Mas Maria esqueceu os mistérios que o arcanjo Gabriel lhe havia revelado, suspirou em direção ao céu e disse: "Quem sou eu, Senhor, para que todas as gerações da terra me considerem bem-aventurada?"

II.18. Maria Permanece com Isabel por Três Meses

Em Lucas 1.56
E Maria permaneceu com ela por cerca de três meses, e depois voltou para sua casa.

No Protoevangelho de Tiago 12.03
E ela permaneceu três meses com Isabel.

II.19. A Explicação da Gravidez de Maria para José

Em Mateus 1.18
Quando sua mãe Maria tinha sido comprometida com José, antes de se unirem, ela foi encontrada grávida pelo Espírito Santo.

No Protoevangelho de Tiago 12.03 - 13.01
Dia após dia, sua barriga crescia, e Maria, com medo, recolheu-se à sua casa e escondeu-se dos filhos de Israel. Maria tinha dezesseis anos quando todas essas coisas misteriosas aconteceram. Quando

ela completou seis meses de gravidez, José saiu das suas construções, entrou em casa e a encontrou grávida.

No Evangelho de Pseudo Mateus 10.01
Enquanto tudo isso acontecia, José estava ocupado com seu trabalho, construindo uma casa à beira-mar em Cafarnaum, pois era carpinteiro. E depois de nove meses, ele voltou para casa e encontrou Maria grávida.

No Evangelho do Nascimento de Maria 10
José, ao retornar da Judeia para a Galileia, tinha a intenção de tomar como esposa a virgem, sua noiva. Três meses haviam se passado e o quarto mês acabara de começar desde o noivado. Nesse ínterim, a barriga dela crescera gradualmente; a criança começou a ser vista e não podia mais ser escondida de José. Entrando abertamente na casa da virgem, como fazem os noivos, e conversando intimamente com ela, ele percebeu que ela estava grávida.

Na História de José o Carpinteiro 5 e 6
No décimo quarto ano de sua vida, eu saí por minha própria vontade e habitei nela, eu que sou Jesus, a tua vida. E quando ela estava grávida de três meses, o ingênuo José veio do lugar onde trabalhava como carpinteiro e encontrou minha mãe virgem grávida. Perturbado e com medo, planejou deixá-la secretamente. E por causa da tristeza, não comeu nem bebeu. Mas no meio da noite, eis que Gabriel, o arcanjo da alegria, veio a ele em visão por ordem de meu bom Pai e lhe disse: ‘José, filho de Davi, não tenha medo de receber Maria, sua esposa, pois o que ela está para dar à luz é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e você lhe dará o nome de Jesus; ele é quem governará todas as nações com cetro de ferro.’ E o anjo o deixou. José acordou do sono e fez como o anjo do Senhor lhe ordenara: levou Maria para perto de si.

[Nota: Este texto é narrado pelo próprio Jesus, portanto a frase "e habitei nela" refere-se ao fato de Jesus entrar no ventre de sua mãe e habitar lá como um feto, durante o período de gestação, que nos lembra, novamente, o caso de incesto divino.

II.20. A Reação de José

Em Mateus 1.19
E seu marido, José, sendo um homem justo e não querendo envergonhá-la, resolveu divorciar-se dela discretamente.

No Protoevangelho de Tiago 13.01-14.01
E ele (José) bateu no rosto, prostrou-se no chão coberto de pano de saco e chorou amargamente, dizendo: 'Com que semblante olharei para o Senhor meu Deus? Que oração oferecerei por esta jovem? Pois eu a recebi como virgem, vinda do Templo do Senhor meu Deus, e não a protegi. Quem me enganou? Quem praticou este mal em minha casa e desobedeceu à virgem? Acaso se repetiu em mim a história de Adão? Pois, assim como Adão estava ausente na hora da sua oração, e a serpente veio e encontrou Eva sozinha e a enganou, assim também aconteceu comigo.' Então José se levantou do pano de saco, chamou Maria e lhe disse: 'Tu, que és cuidada por Deus, por que fizeste isso e te esqueceste do Senhor teu Deus? Por que humilhaste a tua alma, tu que foste criada no Santo dos Santos e recebeste alimento da mão de um anjo? Mas ela chorou amargamente, dizendo: 'Sou pura e não conheço homem algum.' E José lhe disse: 'Tão certo como vive o Senhor meu Deus, não sei de onde me veio isso.' E José ficou com muito medo e se afastou dela, ponderando o que deveria fazer com ela. E José disse: 'Se eu encobrir o seu pecado, eu a expuser aos filhos de Israel, temo que o que nela há seja obra dos anjos, e que eu seja acusado de entregar sangue inocente à condenação da morte. Que farei então com ela? Vou escondê-la em segredo.' E a noite caiu sobre ele.

No Evangelho de Pseudo Mateus 10
Então, estando em extrema angústia, ele tremeu e clamou, dizendo: 'Ó Senhor Deus, recebe o meu espírito, pois é melhor para mim morrer do que viver ainda mais.' E as virgens que estavam com Maria lhe disseram: 'José, o que dizes? Sabemos que ninguém a tocou; podemos testemunhar que ela ainda é virgem e intocada. Temos velado por ela; ela sempre permanece conosco em oração; diariamente um anjo de Deus fala com ela; diariamente ela recebe alimento da mão de um anjo. Sabemos que é impossível que haja algum pecado nela. Mas, se queres que te digamos o que

suspeitamos, ninguém, a não ser o anjo do Senhor, a engravidou.' Disse então José: 'Por que me induzes a crer que um anjo do Senhor a engravidou? Mas é possível que alguém se faça passar por um anjo do Senhor e a tenha enganado.' E, dizendo isso, chorou e disse: 'Como poderei comparecer perante o templo do Senhor ou perante os sacerdotes de Deus?' O que devo fazer?' E, dizendo isso, pensou em fugir e mandá-la embora.

No Evangelho do Nascimento de Maria 10
Ele começou a ficar perturbado e aflito porque não sabia o que fazer. Não queria denunciá-la, pois era honrado, nem difamá-la sob suspeita de fornicação, pois era piedoso. Decidiu, portanto, anular o casamento em segredo e repudiá-la discretamente.

Na História de José o Carpinteiro 5
Ele ficou extremamente perplexo e pensou em mandá-la embora secretamente. Mas, de medo, tristeza e angústia no coração, não conseguiu suportar comer nem beber naquele dia.

II.21. A Aflição de Maria diante da Iminente Morte de José

Na História de José o Carpinteiro 18.03-9
(3) (Jesus disse) Então minha amada mãe Maria, cujo nome é doce na boca de todos os que me amam, levantou-se e me disse com grande dor: 'Ai de mim, meu amado filho! Será que José, de boa e bendita velhice, teu amado e honrado pai segundo a carne, vai morrer?' (4) Eu lhe disse: 'Minha amada mãe, quem há entre os homens que vestiram carne que não provará a morte? (5) Pois a morte domina a humanidade, minha bendita mãe. (6) De fato, também tu deves morrer como todos os homens. (7) Seja José, meu pai, ou tu, minha bendita mãe, a vossa morte não é morte, mas vida eterna e ininterrupta. (8) Pois eu também vou morrer por todos, por causa da carne mortal que vesti em ti. (9) Agora, pois, minha amada mãe, levanta-te e entra na presença do bendito ancião José, até que saibas qual é a ordenança que virá do alto.

II.22. A Descoberta da Gravidez de Maria

No Protoevangelho de Tiago 15.01-2

E Anás, o escriba, aproximou-se dele e disse: "José, por que não compareceste à nossa assembleia?" José respondeu: "Porque estava cansado da viagem e descansei no primeiro dia." Então Anás voltou-se e viu que Maria estava grávida. Correu, então, até o sacerdote e disse: "José, de quem tu és testemunha, transgrediu gravemente." O sumo sacerdote perguntou: "De que maneira?" Ele respondeu: "Desobedeceu à virgem que recebeu do Templo do Senhor, consumando secretamente o seu casamento com ela, sem o revelar aos filhos de Israel." O sacerdote perguntou: "Foi José quem fez isso?" Anás disse: "Envia oficiais, e encontrarás a virgem grávida."

No Evangelho de Pseudo Mateus 12.01
Após esses acontecimentos, surgiu um grande boato de que Maria estava grávida.

II.23. José e Maria Questionados

No Protoevangelho de Tiago 15.02-16.03
Os oficiais foram e encontraram tudo como ele havia dito, e a trouxeram, junto com José, ao pátio. O sacerdote disse: "Maria, por que você fez isso? Por que você humilhou a sua alma e se esqueceu do Senhor, o seu Deus? Você foi criada no Santo dos Santos, recebeu alimento da mão de um anjo, ouviu hinos e dançou diante dele. Por que você fez isso?" Ela, porém, chorou amargamente e disse: "Tão certo como vive o Senhor, meu Deus, sou pura diante dele e não conheço homem algum." O sacerdote perguntou a José: "Por que você fez isso?" José respondeu: "Tão certo como vive o Senhor, meu Deus, sou puro quanto a ela.' E o sacerdote disse: 'Não dê falso testemunho, mas diga a verdade. Você consumou seu casamento em segredo e não o revelou aos filhos de Israel, nem se curvou sob a poderosa mão para que sua descendência fosse abençoada.' E José ficou em silêncio. Então o sacerdote disse: 'Devolva a virgem que você recebeu do Templo do Senhor.' E José começou a chorar.."

No Evangelho de Pseudo Mateus 12.01
E José foi preso pelos guardas do Templo e levado, junto com Maria, ao sumo sacerdote. Este, com os sacerdotes, começou a

repreendê-lo, dizendo: “Por que enganaste uma virgem tão grande e gloriosa, que era alimentada como uma pomba no Templo pelos anjos de Deus, e que jamais desejou ver ou ter relações com homem algum, sendo ela a mais excelente conhecedora da lei de Deus? Se não a tivesses violentado, ela ainda estaria virgem”. E José jurou e declarou que jamais a havia tocado.

II.24. José e Maria são Submetidos ao Ordálio

No Protoevangelho de Tiago 16.01-2
E o sacerdote disse: ‘Eu vos darei a beber da água para verificação do Senhor, e ela tornará os vossos pecados manifestos aos vossos olhos.’ E o sacerdote tomou a água, deu-a a José e o enviou para a região montanhosa, e ele voltou curado. E deu também a Maria de beber, e a enviou para a região montanhosa, e ela voltou curada.

[Nota: a frase "água para verificação do Senhor" (ύδωρ της έλέγξεως κυρίου - udor tes elenxeos kuriou) tem traduções divergentes, em virtude do controverso significado da palavra έλέγξεως - elenxeos (controle, teste, verificação), uma vez que é uma rara palavra grega, aparece em poucos dicionários e glossários. A forma verbal é ελέγχω - elenxo (testar, controlar, verificar). Este ordálio pode ser o mesmo citado em Números 5.11-31, na Bíblia Hebraica e no Antigo Testamento (Septauginta), porém neste último as palavras hebraicas (5.18) são mayim (água) mar mârâh (amarga), traduzidas na Septuaginta por ὕδωρ τοῦ ἐλεγμοῦ - udor tou elegmou (água de controle), portanto muito diferente de "água amarga", e na Vulgata Latina por "aquas amarissimas" (águas muito amargas).[9] As traduções para as línguas contemporâneas divergem consideravelmente: água de beber do Senhor, água de controle, água de teste, água da purificação, etc.. Para conhecer mais sobre ordálio, ver: BOTELHO, 2016.]

No Evangelho de Pseudo Mateus 12-01-4
E Abiatar, o sumo sacerdote, respondeu-lhe: "Tão certo como vive o Senhor, darei a você de beber da água de beber do Senhor, e imediatamente o seu pecado será manifestado."

9 Jerônimo consultou a Bíblia hebraica.

[Nota: Já no texto latino deste evangelho, a frase é "aquam potationis Domini" (água de beber do senhor). Portanto, muito distante de uma "água amarga" para o ordálio. A frase latina aquam potationis (água de beber) é às vezes traduzida por "água potável".]

Então, uma multidão de pessoas, que não se podia contar, se reuniu, e Maria foi levada ao Templo. Os sacerdotes, seus parentes e seus pais choraram e disseram a Maria: "Confessa aos sacerdotes o teu pecado, tu que foste como uma pomba no Templo de Deus e recebeste alimento das mãos de um anjo". Novamente, José foi chamado ao altar, e lhe deram a água do Senhor para beber. Quando alguém que havia mentido bebia dessa água e dava sete voltas ao redor do altar, Deus lhe mostrava algum sinal no rosto. Quando José, pois, bebeu dessa água em segurança e deu sete voltas ao redor do altar, nenhum sinal de pecado apareceu nele. Então, todos os sacerdotes, os oficiais e o povo o justificaram, dizendo: "Bem-aventurado és tu, pois nenhuma acusação foi considerada procedente contra ti". Chamaram Maria e disseram: "E que desculpa tens? Pode haver sinal maior do que a tua gravidez para te denunciar?" Já que José é inocente, pedimos apenas que você confesse quem a enganou. Pois é melhor que a sua confissão a traia do que a ira de Deus marcar o seu rosto e a exponha no meio do povo. Então Maria disse, firme e sem tremer: “Ó Senhor Deus, Rei sobre todos, que conhece todos os segredos, se houver em mim alguma impureza, ou algum pecado, ou algum desejo mau, ou impureza, exponha-me diante de todo o povo e faça de mim um exemplo de castigo para todos”. Dito isso, subiu corajosamente ao altar do Senhor e bebeu a água e caminhou ao redor do altar sete vezes, e nenhuma mancha foi encontrada nela. Quando todo o povo ficou extremamente admirado, vendo que ela estava grávida e que nenhum sinal havia aparecido em seu rosto, começaram a discutir e a dar opiniões diferentes: alguns diziam que ela era santa e imaculada, outros que era má e rebelde. Então Maria, vendo que ainda havia suspeitas entre o povo e que não lhes parecia totalmente inocente, disse em alta voz aos ouvidos de todos: “Tão certo como vive o Senhor Adonai, o Senhor dos Exércitos, diante de quem estou, eu não conheci homem algum; mas sou conhecida por aquele a quem me consagrei desde a minha infância. E este voto

que fiz ao meu Deus desde a minha infância, de que eu permaneceria imaculada naquele que me criou, e espero que assim viverei somente para ele e só para ele servirei; e nele, enquanto eu viver, permanecerei imaculada".

[Nota: Perceba a irracionalidade e a supersticiosidade do julgamento através do ordálio da água, um estúpido procedimento de justiça, quando a decisão era entregue ao acaso, imaginando que deus interferiria no julgamento, o qual foi muito praticado pelas religiões no passado, que nos possibilita medir o alto grau de ignorância judicial das antigas autoridades religiosas. No caso deste ordálio da água, o acusado é condenado ou absolvido pela sua resistência física, e não pela justiça dos fatos.]

II.25. A Reação do Povo

No Protoevangelho de Tiago 16.03
E todo o povo se maravilhou, porque nenhum pecado foi visto neles. Então o sacerdote disse: 'Se o Senhor Deus não revelou os vossos pecados, eu também não vos julgo'. E os libertou. E José, tomando Maria consigo, voltou para casa, cheio de alegria e glorificando o Deus de Israel.

No Evangelho de Pseudo Mateus 12.05
Então todos começaram a beijar seus pés e a abraçar seus joelhos, pedindo-lhe perdão por suas suspeitas malignas. E ela foi conduzida para sua casa com júbilo e alegria pelo povo, pelos sacerdotes e por todas as virgens. E clamavam, dizendo: 'Bendito seja o teu nome do Senhor para sempre, porque ele manifestou a tua santidade a todo o seu povo Israel.'

[Nota: As passagens acima mostram como as ingênuas autoridades religiosas e o supersticioso povo daquela região e daquela época acreditavam na justiça através do julgamento pelo ordálio, com base na infundada crença de que a interferência de deus determinava o resultado do julgamento. Pois, quando se vive em um ambiente supersticioso, tal como na cultura judaica, onde e quando ainda não se conhecia a dinâmica própria da natureza, a conclusão é a de que tudo acontece pela vontade de deus ou do demônio,

portanto nada escapa à interferência divina ou demoníaca, por conseguinte o acaso não existe, sendo assim o acaso é utilizado, enganadamente, até mesmo como juiz.
A frase: "...glorificando o Deus de israel" é etnocentrismo e xenofobia, por quê não glorificar o Deus de toda a humanidade?]

II.26. José e Maria vão para Belém

Em Lucas 2.04-5
E José também subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de Davi, chamada Belém, porque ele era da casa e linhagem de Davi, para ser inscrito com Maria, sua esposa, que estava grávida.

No Evangelho de Pseudo Mateus 13.01
Era necessário, portanto, que José se inscrevesse com Maria em Belém, por ser da tribo de Judá e da casa e família de Davi.

Na História de José o Carpinteiro 07
Então o ancião, o justo José, levantou-se, tomou a virgem Maria e foi para Belém, porque estava próximo o tempo do parto. José inscreveu seu nome na lista; pois José, filho de Davi, esposo de Maria, era da tribo de Judá.

No Evangelho Árabe da Infância de Jesus 02
No ano de 309 da era de Alexandre, Augusto decretou que todos deveriam ir se registrar em seu local de origem. Então José se levantou, tomou Maria, sua esposa, e saiu de Jerusalém, indo para Belém, com a intenção de se registrar com sua família em sua cidade natal.

No Liber Flavus 60
Quando José (antes chamado Moabe Justo, por causa de sua retidão) ouviu isso, partiu com sua família, ele mesmo, a Virgem Maria, seus três filhos Simeão, Amon e Tiago dos Joelhos (Tiago, o Justo), de Nazaré da Galileia para Belém de Judá, pois aquela era a cidade de Davi, e José havia nascido ali. Pois José e Maria eram da família de Davi, havendo exatamente quarenta gerações entre José

e Davi. Por essa razão, portanto, foram a Belém de Judá para pagar o tributo de César.

II.27. A Visão de Maria de dois Povos

No Protoevangelho de Tiago 17.02
Então, José selou sua jumenta e a fez montar; seu filho ia à frente, e José o seguia. Chegaram perto da terceira milha. José se virou e a viu triste e disse consigo mesmo: "Talvez o bebê a esteja afligindo". Outra vez, José se virou e a viu rindo e lhe disse: "Maria, por que vejo o teu rosto ora rindo, ora triste?". E Maria respondeu a José: "Vejo com os meus olhos dois povos: um que chora e lamenta, e outro que se alegra e exulta".

No Evangelho de Pseudo Mateus 13.01
Quando José e Maria caminhavam pela estrada que leva a Belém, Maria disse a José: "Vejo dois povos diante de mim: um chorando e o outro se alegrando". José respondeu: "Fique quieta sobre o seu jumento e não fale palavras desnecessárias". Então, apareceu diante deles um belo menino vestido de branco, que disse a José: "Por que você disse que as palavras de Maria a respeito dos dois povos eram desnecessárias? Pois ela viu o povo judeu chorando porque se afastou de seu Deus, e o povo gentio se alegrando porque agora se aproximou do Senhor, conforme o que ele prometeu a nossos pais Abraão, Isaque e Jacó. Pois está próximo o tempo em que a descendência de Abraão abençoará todas as nações".

No Leabhar Breac 66-7
E Maria, entrando em casa, começou imediatamente a rezar e a fazer vigília, com o rosto voltado para o céu. Então Simeão disse a seu pai: "Vejo a Virgem falando, mas não vejo com quem ela fala." "Com os anjos do céu", respondeu José. Então José viu Maria chorando e com profunda tristeza, e logo em seguida se alegrando e exultando. "Que é isso, Virgem?", perguntou José, "que num momento mostras júbilo e alegria, e no outro, tristeza e dor?" Ela respondeu: "Vejo dois povos", disse ela, "um chorando e sofrendo, e o outro alegre e radiante." "Isso tem um significado especial", disse José, "esses são os judeus que estão destinados a crucificar Cristo

e a dispersar seus discípulos; são eles, portanto, que estão sofrendo." O povo dos gentios é o outro povo: eles se alegram e exultam, porque estavam destinados a crer em Cristo dali em diante.' Então José disse: 'Deite-se, Virgem, e durma; e que Simeão unja seus pés com óleo, e descanse assim, até que Deus lhe dê à luz.'

No Liber Flavus 66
Ó pai, disse Simeão, a jovem está falando, e eu não sei a quem ela se dirige. Creio que ela esteja sofrendo de cansaço e angústia", disse José. E quando José olhou para Maria, viu que ela estava ora triste, ora alegre. "Como é possível, menina", disse ele, "que num momento você esteja triste e no outro esteja feliz?" "Vejo dois povos", disse ela, "um em luto e o outro em alegria, e as Sagradas Escrituras nos dizem para chorar com os que choram e nos alegrar com os que se alegram". José disse-lhe para ir para a cama e descansar. "Ó Simeão", disse ele, "unge os pés da virgem com óleo". Simeão assim fez.

II.28. O Cansaço de Maria

No Leabhar Breac 62:1
Foi ali que a Virgem Maria se cansou, pois não podia cavalgar nem ir a pé, porque seu tempo estava próximo. Então Maria ficou naquele lugar, e Tiago e Simeão com ela, e as cinco virgens. José e Abiom seguiram então para Belém de Judá para pagar o tributo e procurar hospedagem.

No Liber Flavus 62:1
Quando se aproximaram da cidade, José e Amon seguiram em frente para se hospedar, enquanto Maria ficou para trás com Tiago dos Joelhos, e Simeão, pois estava muito cansada da viagem, estando próxima da hora de dar à luz. A viagem de Nazaré, na Galileia, até Jerusalém durou quatro dias, e de Jerusalém até Belém de Judá, mais dois dias. Não era de admirar, portanto, que a jovem estivesse exausta após a longa jornada.

II. 29. O Parto de Maria

No Protoevangelho de Tiago 17:3–18:1
E, tendo chegado à metade do caminho, Maria disse-lhe: "José, tira-me de cima da jumenta, porque a criança em meu ventre me pressiona para sair. E ele a tirou de cima da jumenta e disse-lhe: 'Onde te levarei e esconderei a tua vergonha? Pois este lugar é deserto.' E ali encontrou uma caverna, levou-a para dentro e a deixou aos cuidados de seus filhos.

No Evangelho de Pseudo Mateus 13:2
E, tendo dito isso, o anjo ordenou à besta que se levantasse, pois estava próxima a hora de dar à luz; e ordenou a Maria que descesse da besta e entrasse numa gruta onde sempre havia escuridão, mas sempre trevas, porque a luz do dia não chegava lá. E, entrando Maria na caverna, esta começou a resplandecer com tanta intensidade como se fosse a hora sexta do dia. A luz de Deus resplandeceu de tal forma na caverna que nem de dia nem de noite faltou luz enquanto Maria lá estivesse.

No Evangelho Árabe da Infância de Jesus 2
E tendo chegado a uma gruta, Maria disse a José que se aproximava a hora do parto e que não podia ir à cidade; 'Mas', disse ela, 'vamos para esta gruta.' Isto aconteceu ao pôr do sol.

No Leabhar Breac 63:1
Depois disso, José foi procurar hospedagem por toda Belém e viu uma pequena casa isolada nos arredores, afastada das demais, sem nenhuma casa ou morada por perto, uma cabana pequena, estreita e de teto baixo. Ele foi olhar a casa e disse: "Parece-me que esta é uma cabana de hóspedes, e é apropriado que fiquemos aqui, e é mais fácil para a Virgem dar à luz aqui, já que está longe dos sons dos homens e da convocação do povo". A casa parecia uma pequena caverna, um estábulo, onde havia um jumento e um bezerro, pertencentes ao dono da casa, e um pequeno banquinho redondo no chão da casa, onde os hóspedes costumavam se sentar. "Fiquemos aqui, filho", disse José, "por amor à exaltada virgem que vem exausta em nossa direção. Esperem por ela, e eu irei à cidade para ver se encontro nela alguém a quem eu possa oferecer algum dos meus artesanatos em troca do jantar desta noite.

No Liber Flavus 63:1
Então José ergueu os olhos e viu uma pequena casa isolada, situada ao lado da cidade, e disse: "Deveríamos ficar nesta casa, pois me parece ser uma morada para visitantes". Então José entrou e olhou ao redor. "É uma pequena morada", disse ele, "mas, mesmo assim, é adequada para pessoas pobres. Fica longe da agitação, do clamor e da ostentação da população. Fique aqui, filho, enquanto vou à cidade mostrar minhas mercadorias e meu belo trabalho artesanal, na esperança de encontrar alguém que me dê algo em troca".

Em Lucas 1.06-7
Enquanto estavam lá, chegou a hora de ela (Maria) dar à luz. E ela deu à luz o seu filho primogênito, e o envolveu em faixas de pano e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

No Alcorão 19.23-6
Então, as dores do parto a levaram até o tronco de uma tamareira. Ela (Maria) exclamou: "Ai de mim! Quem me dera ter morrido antes disso e ser apenas uma lembrança distante!"
Então uma voz a tranquilizou vinda de baixo dela: “Não se aflija! Seu Senhor providenciou um riacho aos seus pés.
E agite o tronco desta palmeira em sua direção, e ela deixará cair tâmaras frescas e maduras sobre você.
Então coma, beba e fique tranquila. Mas se vires algumas dessas pessoas, diga: “Fiz voto de silêncio ao Mais Glorioso, por isso não falarei com alguém hoje”.
Também Alcorão 23.50: Fizemos do filho de Maria e de sua mãe um sinal; demos-lhes abrigo numa colina tranquila, junto a um manancial de águas correntes.

Em Mateus 2.11
(Os três Reis Magos) ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. Então, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.

[Nota: nesta última passagem, os Reis Magos entraram em uma "casa" (φάτνη- oikia) para encontrar Maria e Jesus, enquanto que,

na passagem de Lucas 2.07, Maria deu à luz em um estábulo, uma vez que ela o depositou em uma "manjedoura" (φάτνη - fatne), pois não havia lugar na hospedaria (κατάλυμα -kataluma). Manjedoura é um cocho, de madeira ou de pedra, utilizado em estábulos para servir alimento para os animais. No Protoevangelho de Tiago 18.01, Maria deu à luz em uma "caverna" (σπήλαιον - spelaion), no Evangelho de Pseudo Mateus 13.02, existe uma diferença na redação entre o texto latino de Aurelio Otero e o de Bart Ehrman, no primeiro, ela deu à luz em uma "gruta subterrânea" (speluncam subterraneam) e no segundo em uma "gruta onde sempre havia escuridão" (speluncam in qua semper tenebrae erant). No Evangelho Árabe da Infância de Jesus 2, em uma "gruta". No Leabhar Breac 63, em uma "casa que parecia uma pequena caverna, um estábulo, onde havia um jumento e um bezerro", no Liber Flavus 63.01 em uma "pequena casa isolada, situada ao lado da cidade". E no mais diferente de todos acima, no Alcorão 19.23, "junto ao tronco de uma "tamareira" (jiz'in nakhlati), "sobre um manancial de águas correntes em uma colina tranquila". Em suma, o parto de Maria no Alcorão foi mais confortável e mais digno do que nos evangelhos canônicos e apócrifos.]

II.30. Maria Exibe o Bebê ao Povo e Jesus Fala no Berço

No Alcorão 19.27-33
Então ela (Maria) voltou para o seu povo, carregando-o (Jesus). Eles disseram chocados: "Ó Maria! Certamente fizeste uma coisa horrível!":
Ó irmã de Aarão! Teu pai não era um homem indecente, nem tua mãe era impura."
Então ela apontou para o bebê. Eles exclamaram: "Como podemos conversar com um bebê no berço?"
Jesus declarou: "Eu sou verdadeiramente um servo de Alá. Ele me destinou a receber as Escrituras e a ser um profeta."
Ele fez de mim uma bênção aonde quer que eu vá e me ordenou que estabelecesse a oração e pagasse o imposto de esmola enquanto eu viver, e para ser gentil com minha mãe. Ele não me tornou arrogante nem desafiador. Que a paz esteja comigo no dia em que nasci, no dia em que morrer e no dia em que eu ressuscitar"!

[Nota: A fala de Jesus no berço também aparece no Evangelho Árabe da Infância de Jesus I.02, porém com um texto mais curto e diferente: "Eu sou Jesus, o Filho de Deus, o Verbo (ó λóyos), que você gerou conforme o anúncio do anjo Gabriel. Meu Pai me enviou para a salvação do mundo".] [10]

II.31. Outras Menções de Maria no Alcorão

Enquanto no Novo Testamento o nome de Maria é mencionado 19 vezes, o Alcorão o menciona em 34 passagens, sendo a maioria como "o Filho de Maria" para se referir a Jesus, ou "a Mãe de Jesus", para se referir à Maria. Em contrapartida, existem mais histórias sobre Maria nos Evangelhos do que no Alcorão. A importância de Maria no Alcorão é a de ser apenas a mãe de Jesus, ela não tem qualquer outro papel além deste. E em ambas as escrituras, no máximo o seu papel foi o de trazer Jesus ao mundo através de uma concepção extraordinária. O machismo daquela época é flagrante, pois uma curiosidade sobre Maria no Alcorão é que ela é a única mulher citada pelo nome, todas as outras são chamadas de esposas de Noé, de Lot, do Faraó (66.10-12), de Imran, de Zacarias e de Rainha de Sabá (27.22). A maioria destes mulheres também não são mencionadas pelos nomes na Bíblia. A mãe de Maria não é chamada pelo nome, quer na Bíblia ou no Alcorão, somente nos tardios apócrifos. Ademais, ela não é chamada pela expressão "Virgem Maria", tanto nos Evangelhos como no Alcorão, embora ambos os textos admitam a sua virgindade, portanto o título "Virgem Maria" é uma criação posterior. Quando da composição do Alcorão, Maria já era chamada de "Virgem Maria" pelos cristãos em geral. "Lembrem-se daquela (ou seja, Maria) que guardou sua castidade. Então nós sopramos nela[11] de Nosso Espírito e fizemos dela e de seu filho (Jesus) um sinal

10 Para conhecer mais milagres na infância de Jesus extraídos dos textos apócrifos, ver: BOTELHO, 2012.

11 A fim de clarear a obscuridade desta frase, algumas traduções acrescentam: "Nós sopramos no 'ventre' dela através de Nosso Espírito (anjo) Gabriel". Trata-se de uma frase metafórica, por isso o caráter poético.

para os povos"[12] (Alcorão, 21.91). Também: "Fizemos do filho de Maria e de sua mãe um sinal; demos-lhes abrigo numa colina tranquila, junto a águas correntes"[13] (Alcorão 23.50)."E Maria, filha de Imran. Ela guardou sua castidade, então nós sopramos nela de Nosso Espírito. Ela aceitou a verdade das palavras e das escrituras do seu Senhor, Ela foi verdadeiramente devota" (Alcorão, 66.12).

Talvez na tentativa de diminuir o ímpeto de divinização de Maria e de Jesus, o Alcorão 5.75 restringe a exaltação da seguinte maneira: ".... Sua mãe era uma mulher virtuosa. Ambos comiam comida...." [14]. Maria é defendida das infâmias dos judeus em 4.156: "e pela negação e acusação ultrajante contra Maria". O próximo verso, 4.157, é de especial curiosidade para os cristãos, uma vez que nega a crucificação de Jesus "... e por se vangloriarem: 'Matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o mensageiro de Deus'. Mas eles não o mataram nem o crucificaram — apenas fizeram parecer que sim. Mesmo aqueles que argumentam a favor dessa 'crucificação' estão em dúvida. Eles não têm conhecimento algum, apenas fazem suposições. Certamente não o mataram". Esta passagem alcorânica deu margem para a criação de lendas sobre a sobrevivência de Jesus e de suas viagens para o Oriente. A mais difundida é a de que Jesus viveu na Índia até uma idade avançada e está sepultado no santuário Roza Bal, na cidade de Srinagar, no estado da Caxemira, Índia. Outra passagem no Alcorão curiosa para um cristão é o verso 5.75, no qual Jesus não é reconhecido como o "Filho de Deus", mas como apenas mais um mensageiro de Alá: "O Messias, filho de Maria, não era mais do que um mensageiro (rasulun). Muitos mensageiros o precederam. Sua mãe era uma

12 A frase lil'alamina, traduzida aqui por "para os povos", é também encontrada traduzida por "para (todos) os seres" ou "para (todos) os mundos". Assim, reconhecendo a expansão quase global que o Cristianismo jã havia alcançado no século VII e. c., época da composição do Alcorão.

13 Onde Maria deu à luz a Jesus (Alcorão 19.22-6).

14 Algumas traduções acrescentam "tal como os outros mortais". Talvez esta frase tenha sido colocada no Alcorão a fim de defender das críticas de que Maomé comia, bebia e frequentava o mercado, por isso não era divino. Para o Islamismo, Maria não foi a mãe de deus, tampouco Jesus o filho de deus, ele foi apenas mais um profeta de Alá.

mulher virtuosa. Ambos comiam comida. Veja como lhes esclarecemos os sinais, e veja como são enganados e se afastam da verdade".

A mãe de Maria pede a proteção de sua filha a Alá no Alcorão 3.35-6: "E quando a esposa de Imrân (a mãe de Maria) disse: “Meu Senhor! Dedico o que está em meu ventre inteiramente ao teu serviço, aceita-o de mim. Tu és verdadeiramente o Onipresente, o Onisciente.” (3.35). "Quando ela deu à luz, disse: “Meu Senhor! Dei à luz uma menina”, — e Alá bem sabia o que ela havia dado à luz — “e o menino não é como a menina. Dei-lhe o nome de Maria e peço a tua proteção para ela e para sua descendência contra Satanás, o maldito.”

II.32. Maria em Outras Escrituras Islâmicas

Ibn Ishāq elogiou Maria assim em *The Life of Muhammad (Sirat Rasul Allah)* "Maria, a Virgem, a bondosa, a pura, de modo que ela concebeu Jesus" (GUILLAUME, 2004: 657). No hadith número 623, volume 4, livro 55, da coleção Sahih Al-Bukhari, narrado por Abu Musa, Maria é elogiada da seguinte maneira: O apóstolo de Alá disse" "Muitos entre os homens alcançaram o nível da perfeição, mas ninguém entre as mulheres alcançou este nível exceto Asia, a esposa do Faraó e Maria, a filha de Imrān...". Ou seja, os homens alcançam a perfeição em grande número, mas as mulheres que alcançam tal nível são poucas, um retrato bem nítido da ideia de inferioridade da mulher daquela época e daquele lugar. A excepcionalidade de Maria e de Jesus diante do toque de Satanás no nascimento. ' Abu Huraira disse: 'Ouvi o Mensageiro de Alá dizer que: "Não há ninguém nascido da descendência de Adão que não seja tocado por Satanás. Portanto, uma criança chora alto ao nascer por causa do toque de Satanás, exceto Maria e seu filho (Jesus)..." (Sahih Al-Bukhari, hadith 641, volume 4, livro 55). Bem, acreditar que "a criança chora ao nascer por causa do toque de Satanás" é um exemplo do alto grau de supersticiosidade do povo daquela época e de isolacionismo cultural do lugar onde Maomé viveu. Mais elogio à Maria no hadith seguinte, narrado por Ali: 'Eu ouvi do Profeta dizer; "Maria, a filha de Imrān, foi a melhor entre as mulheres (do mundo de seu tempo) e Khadija (a primeira esposa de Maomé) é a melhor entre as mulheres (desta nação)"

(Sahih Al-Bukhari, hadith 642, volume 4, livro 55). Maria nunca montou camelos. Abu Haraira narrou: 'Eu ouvi o apóstolo de Alá dizer; "Entre todas aquelas mulheres que montam camelos, as senhoras de Quraish[15] são as melhores. Elas são compassivas e amáveis para seus filhos e as melhores guardiãs das propriedades de seus maridos" Abu Haraira acrescentou: "Maria, a filha de Imrān, nunca montou um camelo" (Sahih Al-Bukhari, hadith 643, volume 4, livro 55). Pelas narrativas nos evangelhos canônicos e apócrifos, Maria costumava montar um jumento ou uma jumenta. Tal como no Alcorão, a maioria das menções de Maria nos hadiths é como "Jesus, o filho de Maria", também, muitos ditos de Maomé são exaustivamente repetidos nos hadiths, o que torna estas coleções muito extensas.

15 Nome de uma tribo árabe que residiu e controlou a cidade de Meca e a Kaaba, Maomé pertenceu a um dos clãs desta tribo, conhecida por Banu Hashim.

III. As Versões Pejorativas

III.01. A Antiguidade das Narrativas Anticristãs

Assim como os evangelhos apócrifos divergem dos evangelhos canônicos nos relatos da vida e dos ditos de Jesus, porém sem hostilizá-lo, as narrativas anticristãs dos judeus, por sua vez, contrariamente, depreciam e zombam de Jesus. Estes relatos hostis não são criações medievais, tal como muitos cristãos pensam. Pois, existem documentos que confirmam que versões judaicas dos episódios dos evangelhos, muito diferentes das versões dos evangelhos canônicos e dos apócrifos, já circulavam oralmente no segundo século, eles apenas foram ampliados durante a Idade Média. O mais antigo registro aparece na obra *Diálogo com Trifão, o Judeu*, do apologista cristão Justino, o Mártir, composta provavelmente no ano 135 e. c. Nela, Trifão, um judeu fictício criado por Justino, apenas para efeito literário, afirma que "os judeus enviados de Jerusalém escolheram homens por toda a Terra para dizer que as heresias ímpias dos cristãos haviam se espalhado e para relatar tais coisas contra eles (os cristãos), coisas que apenas aqueles que não as conhecem dizem...". "Esses homens escolhidos demonstraram grande zelo em publicar por toda a Terra coisas amargas, obscuras e injustas. A saber, que Jesus era um mago e um enganador galileu, cujo corpo foi roubado do túmulo pelos seus discípulos à noite" (SCHÄFER, 2014: 05). Ou seja, que Jesus foi "um impostor da Galileia, que nós crucificamos, mas que os seus discípulos o roubaram à noite da tumba, onde ele estava deitado quando solto da cruz, e agora enganam os homens afirmando que ele ressuscitou dos mortos e subiu ao céu" (*Dialogue with Trypho*, *The Jew*, capítulo 108). Que o roubo do corpo de Jesus era uma polêmica, desde os primeiros anos, pode ser confirmado no Evangelho de Mateus 28.12-5, quando os sacerdotes judeus se reuniram com os líderes religiosos e elaboraram um plano. Eles "deram aos soldados grande soma de dinheiro, dizendo-lhes: Vocês devem declarar o seguinte: os discípulos dele vieram durante a noite e furtaram o corpo, enquanto estavam dormindo. (…). Assim, os soldados receberam o dinheiro e seguiram as instruções. E esta

versão se divulgou entre os judeus até o dia de hoje" (NVI-PT, Mt. 28.12-5).

Ainda mais hostil é o resumo da vida de Jesus em *A Doutrina Verdadeira* (gr. Λόγος Αληθής – *Logos Alethes*) do pensador grego Celso, obra perdida do século II e. c., porém reproduzida em grande parte na heresiologia *Contra Celsum* (gr. Κατά Κελσου – *Kata Kelsou*) do cristão Orígenes (século III e. c.), escrita na intenção de refutar as críticas do citado autor grego. Celso acusou Jesus de ter inventado seu nascimento de uma virgem; e adverte Jesus de ter nascido de um vilarejo judeu, de uma pobre mulher do campo, que conseguia o seu sustento com a tecelagem, e que foi expulsa de casa por seu marido, um carpinteiro de profissão, porque ela foi condenada por adultério, que após ter sido expulsa por seu marido, ela perambulou por um tempo, então ela desgraçadamente deu à luz Jesus, um filho ilegítimo, que tendo trabalhado como servo no Egito, em virtude da sua pobreza, adquiriu alguns poderes miraculosos, dos quais os egípcios se orgulham muito, retornou ao seu próprio país, altamente entusiasmado por causa deles, e por meio destes poderes proclamou-se um deus (*Origen Against Celsus*, vol. I, I. 28 e 32 - CHADWICK, 1953: 28 e 31). Celso também revelou a sua suspeita sobre a veracidade dos relatos evangélicos, dizendo que "poderia dizer muitas coisas quanto aos eventos da vida de Jesus que são verdadeiros, e não como aqueles que estão registrados pelos discípulos…" (*Origem Against Celsus*, vol. II, II. 13 - CHADWICK, 1953: 78). Mais adiante ele acrescenta que alguns "crentes cristãos, tal como pessoas em um surto de embriagues, corromperam os evangelhos de sua integridade original, a um grau triplo, quádruplo e múltiplo, e os remodelaram de tal maneira que puderam ser capazes de responder às objeções" (*Origen Against Celsus*, vol. II, II.27 - CHADWICK, 1953: 90).

Celso desconfiou dos fenômenos milagrosos ocorridos durante o batismo de Jesus, por João Batista, narrados nos evangelhos canônicos, questionando diretamente Jesus da seguinte maneira: "Quando você estava banhando, além de João, você disse que o que tinha a aparência de um pássaro pousou sobre você. Que testemunha confiável presenciou tal aparição, ou quem ouviu uma voz do céu declarando você ser o Filho de Deus? Que prova existe disto, exceto sua própria afirmação e a declaração de um outro

daqueles indivíduos que foram punidos juntamente com você? *(Origen Agaisnt Celsus*, I. 41 - CHADWICK, 1953). Também, Celso questionou a divindade de Jesus com relação a sua fuga após a condenação, um episódio que não aparece nos evangelhos canônicos, tampouco nos apócrifos, mas conhecido da tradição judia daquela época, do seguinte modo: “Como poderemos nós julgá-lo ser um deus, que não só, em outros aspectos, tal como foi relatado, não cumpriu suas promessas, mas também, após ser sentenciado e condenado, como merecedor da punição, foi pego tentando se esconder e se esforçando para fugir de maneira humilhante, e que foi traído por aqueles que ele chamava de discípulos? (*Origen Against Celsus*, II. 09 - CHADWICK, 1953: 73; para saber mais sobre as críticas de Celso ao Cristianismo, ver: HOFFMANN, 1987 e sobre Maria na opinião de Celso: TIJSSELING, 2022: 81-8).

Sobre a versão dos judeus sobre Jesus, Tertuliano, autor cristão de *De Spectaculis* 30 (cerca de 200 e. c.), escreveu: "Esse é ele... aquele filho de carpinteiro ou de prostituta, aquele que quebrou o sábado, aquele samaritano e possuído por demônios! Este é ele, que você comprou de Judas! Este é ele, que foi espancado com vara e punho, que foi contaminado com cuspe, a quem deram fel e vinagre para beber! Este é ele, que seus discípulos levaram secretamente, de modo que se poderia dizer que ele havia ressuscitado, a menos que tenha sido o jardineiro quem o removeu, para que suas alfaces não fossem danificadas pela multidão de curiosos" (SCHÄFER, 2014: 07).

Entretanto, todas estas fontes referem a debates informais entre judeus e cristãos. "A primeira discussão formal é relatada na obra *Vita Silvestri*, do século VIII e. c., que também contém referências a ideias e situações conhecidas na Toledot Yeshu. Na *Vita Silvestri,* doze rabinos são enviados de Jerusalém para Roma para discutir a doutrina cristã com o bispo Silvestre. Durante o debate, eles questionam repetidamente o nascimento virginal de Jesus e, eventualmente, usam o Nome Inefável para provar seu argumento. O bispo, porém, sobressai diante deles com a ajuda do nome de Jesus" (SCHÄFER, 2014: 06).

Com o tempo, novos episódios hostis foram sendo acrescidos a esta tradição judia e transmitidos oralmente, de geração para geração, até que alguns trechos foram incluídos, através de menções, no Talmude, talvez por volta do ano 600 e. c.,

depois no comentário rabínico Midrash, para finalmente serem compilados na forma escrita, através de diferentes versões, durante a Idade Média, em uma coleção conhecida coletivamente por Sefer Toledoth Yeshu (O Livro da História da Vida de Jesus).

III.02. Maria no Talmude Babilônico

Referindo-se a Jesus, conhecido no Talmud por ben Stada (filho de Stada - Maria), ou ben Pandera[16] (filho de Pandera),[17] o Talmude Babilônico, Tratado Shabbath 104b, nas edições não censuradas pela Igreja durante a Idade Média,[18] mencionam, através de uma passagem confusa, com dúvidas entre os interlocutores sobre os pais de Jesus, que: "Rav Hisda[19] disse: O marido de sua mãe, que atuou como seu pai, era chamado Stada, mas aquele que tinha relações com sua mãe e o gerou era chamado Pandera ... O marido de sua mãe não era Pappos ben Yehuda? Na verdade, sua mãe se chamava Stada e ele recebeu o nome de ben Stada em homenagem a ela. A Gemara pergunta: Mas, sua mãe não era Miriam, que trançava os cabelos das mulheres? A Gemara explica: Isso não é uma contradição. Stada era apenas um apelido, como se

16 Seu nome aparece também como: ben Pandeira, ben Pandira ou ben Pantera, às vezes como Yushu ben Pandera (Jesus filho de Pandera), e o do pai como: Panthera, Pantera, Pantere, Pandera, Pandira, Panther e Pantheras (TIJSSELING, 2022: 81n16).

17 Pandera foi um soldado romano com quem Maria se relacionou e gerou Jesus. Entretanto, alguns autores sugerem que o termo Pandera ou Pantera é uma distorção da palavra grega παρθένος-pantheros, que significa "virgem", de modo que os termos ben Pandera significariam "filho da Virgem" e não o filho de um soldado romano chamado Pandera.

18 Os manuscritos do Talmude, encontrados pela Igreja Católica na Idade Média, as passagens ofensivas a Jesus e ao Cristianismo foram borradas ou raspadas pela censura cristã. Porém, alguns manuscritos judaicos escapuliram da perseguição e mantiveram a redação original.

19 Viveu em 217-309 e. c., portanto cerca de dois séculos após os episódios do Novo Testamento.

diz em Pumbedita[20]: Esta se desviou[21] [setat da] do seu marido" (edição William Davidson). As dúvidas entre os interlocutores acima talvez tenham sito inseridas propositalmente para mostrar o desprezo e a despreocupação dos judeus com os Cristianismo, ou seja, os judeus não tiveram o cuidado de registrar detalhadamente os fatos e os personagens do Novo Testamento por considerá-los sem importância, então os utilizaram para exemplos de mal feitos, com muitas divergências com o NT, quer canônico ou apócrifo. De modo que, as dúvidas demonstram que os autores do Talmude tinham apenas um vago conhecimento sobre os pais de Jesus. Enquanto que Peter Schäfer, por outro lado, percebe um significado diferente nesta passagem: "O Talmud discute os pais de Jesus/Yeshu. B. Shabb. 104b e b. Sanh 67a procuram combinar as diferentes tradições a respeito dos nomes dos pais de Yeshu e propor uma solução para o enigma resultante dos nomes contraditórios. De acordo com uma tradição, Yeshu poderia ser filho do amante de sua mãe, Pandera, ou de seu marido, Stada. Outra tradição sugere que o nome do marido era Pappos ben Yehudah, enquanto Stada era o nome de sua mãe. Outra tradição ainda, provavelmente confundindo as imagens de Maria e Maria Madalena, diz que o nome da mãe de Yeshu era Miriam, cuja ocupação era "deixar o cabelo das mulheres crescer". A sugestão então sugere que Stada era um sobrenome de Miriam porque ela era sotah, isto é, suspeita de adultério. Consequentemente, o marido de Miriam-Stada era Pappo ben Yehuda e o amante era Pandera. Ambos os personagens também são conhecidos de outras fontes" (SCHÄFER, 2014: 46).

Quanto ao personagem Pappos ben Jehudah (ou Yehuda), mencionado na passagem Shabbath 104b do Talmude, como o marido da mãe de Jesus, R. Travers Herford sugeriu que "ele foi o nome de um homem que era conhecido de ter sido tão suspeito de sua esposa, que a trancava em casa sempre quando ele saia. (...) Provavelmente, esta opinião errônea, juntamente com a tradição de que Pappos ben Jehudah era ciumento de sua esposa, justifica a

20 Uma cidade da Babilônia onde havia uma escola judaica.

21 Traiu.

mistura de seu nome com a história dos pais de Jesus" (HERFORD, 2006: 40).[22] Mas, esta é apenas uma conjectura.

Portanto, Jesus (ben Stada) era um filho bastardo, resultado de uma relação adúltera, muito diferente da versão cristã e do Alcorão de que ela foi concebida pelo Espírito Santo, ou seja, uma versão pejorativa da concepção de Jesus. Mais adiante, no mesmo parágrafo deste texto, afirma que Stada (Maria, mãe de Jesus) era cabeleireira. Em uma passagem também confusa e repleta de dúvidas, que repete quase literalmente a passagem Shabbath 104b, o capítulo do Tratado Sanhedrin 67a, das edições não censuradas, Pandera, o pai adúltero de Jesus (ben Pandera), é mencionado como "amante" da mãe de Jesus, "que gerou este bastardo" (Jesus). A divergência dos judeus com os evangelhos é tão grande que nesta passagem (Sanhedrin 67a), Miriam (Maria), aquela que trançava cabelos das mulheres, é chamada de megaddela neshaya, ou seja, Maria, mãe de Jesus, é identificada com Maria Madalena, muito provavelmente em razão do fato de que a reputação desta última, como uma prostitua, já era conhecida pelo autor desta passagem, daí a identificação das duas Marias. Mais uma vez, um exemplo do descuido dos autores do Talmude em consultar os evangelhos, mais um sinal do desprezo pelo Cristianismo e da insignificância do mesmo, ou seja, Jesus foi, para os judeus, nada mais do que mais um pregador judeu, dentre tantos outros da Antiguidade, os quais auto proclamavam como o Messias. O motivo para estas divergências é explicado por R. Travers Herford de que estas passagens talmudicas "não podem ser anteriores ao começo do século quarto, e ainda mais, um relato do que era dito na Babilônia, e não na Palestina" (HERFORD, 2006: 41). Ou seja, em virtude da distância, os judeus residentes na Babilônia não tinham acesso aos textos cristãos com a mesma facilidade e convívio que os judeus da Palestina, bem como alguns dados são relativos aos fatos e às ideias que surgiram nos seculos seguintes ao surgimento do

22 Na passagem do Talmude Gittin 90a: "... E isso é comparável ao comportamento de Pappos ben Yehuda em relação à sua esposa, pois ele trancava a porta na frente da sua esposa e saía para que ela não visse nenhum outro homem (edição William Davidson). "Isto corresponde ao modo de Papus b. Judah que costumava, quando ele saia, trancar sua esposa dentro de casa" (edição Soncino).

Cristianismo, tal como a tardia transformação de Maria Madalena em uma prostituta, também os personagens judeus citados são posteriores ao início do século IV e. c. .

Já no Evangelho Canônico, a passagem de João 8.41, deixa uma pista de que alguns judeus, na época do ministério de Jesus, já conheciam os rumores de que o nascimento de Jesus era fruto de uma relação ilícita, ou seja, Jesus era um filho bastardo, quando, durante uma discussão entre Jesus e um grupo de judeus, estes últimos responderam, talvez por meio de uma provocação implícita, que: "Nós não nascemos de fornicação (ἐκ πορνείας - ék porneías). O significado mais geral de πορνεία (porneia) é "prostituição" e pode significar também "adultério", "fornicação" ou "comportamento similar a uma prostituta". O substantivo deriva do verbo πορνεύω - porneúo (prostituir), daí o termo πόρνη - porne (prostituta). Mas, esta pista é apenas uma hipótese. A passagem em Lucas 3.23 é mais explicita quanto à dúvida sobre a paternidade de José: "Jesus tinha cerca de trinta anos quando começou.[23] Sendo filho, como era suposto (ὡς ἐνομίζετο - os enomízeto), de José, filho de Heli". A passagem indica que o autor deste evangelho não tinha certeza de que José era realmente o pai de Jesus, por isso a frase ὡς ἐνομίζετο - os enomízeto (como era suposto). Os cristãos argumentam que esta suposição acontece em virtude de que Jesus não era filho biológico de José, mas sim do Espírito Santo, enquanto os judeus argumentam que a suposição é em função de que já havia, naquela época, suspeita de que Jesus era filho de um relação adúltera, tal como mais tarde incluída no Talmude.

Enquanto que, em outras passagens evangélicas, não aparece a dúvida e a desconfiança da origem bastarda de Jesus. "Este não é o filho de José?" (Lucas, 4.22) e "Este não é o filho do carpinteiro? Não é sua mãe chamada Maria? Não são os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?" (Mateus, 13.55). Em outra passagem de Marcos 6.03, Jesus é chamado apenas de "carpinteiro", ao invés de "filho do carpinteiro", οὐχ οὗτός ἐστιν ὁ τέκτων - oúx outós éstin ó tékton (não é este o carpinteiro?). "Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não estão aqui conosco as suas irmãs?" E

23 Algumas edições acrescentam "o seu ministério", mas a frase não está presente no original grego.

escandalizaram-se com ele" (Marcos, 6.03). Na primeira frase, alguns manuscritos e traduções acrescentam "Não é este o "filho" do carpinteiro? Ao invés de carpinteiro apenas, algumas edições traduzem τέκτων - tékton por "pedreiro", uma vez que a palavra tem significados diversos, tais como artesão, construtor, autor e mestre de qualquer arte. Na versão Vulgata (latina), a palavra τέκτων - foi traduzida por "faber", a qual significa operário que trabalha com metal, com pedra, com marfim e com madeira, portanto, um carpinteiro, um ferreiro ou um pedreiro, ou seja, um artesão.

Estas passagens nos evangelhos canônicos deixam as dúvidas sobre a real natureza do nascimento de Jesus, se através de uma relação adúltera, ou através de uma concepção milagrosa. Uma vez que não temos dados históricos imparciais, pois as versões que temos são de natureza ideológica e sectária, ou seja, um lado (judaico) tentando denigrir o seu nascimento, e o outro lado (cristão) tentando divinizá-lo.

Em um episódio do Tratado Chagigah 4b, do Talmude Babilônico, Maria é provavelmente citada em uma passagem debochada. "O Anjo da Morte disse ao seu agente: Vá e traga-me, isto é, mate, Miriam (Maria), a que arruma, isto é, a que trança os cabelos das mulheres. Ele foi, mas em vez disso trouxe-lhe Miriam, a que cuida de bebês. O Anjo da Morte disse-lhe: Eu lhe disse para trazer Miriam, a que trança os cabelos das mulheres. Seu agente disse-lhe: Se assim for, devolva-a à vida. Ele disse-lhe: Já que você a trouxe, que ela seja contada no número de falecidas. Aparentemente, essa mulher morreu involuntariamente. Rav Beivai perguntou ao agente: Mas, como a hora dela morrer ainda não havia chegado, como você conseguiu matá-la? O agente respondeu que teve a oportunidade, pois ela segurava uma pá na mão e com ela estava acendendo uma fogueira" (edição William Davidson). O Talmude está repleto de informações incompatíveis com o Novo Testamento, algumas até anacrônicas, e quando tratando de personagens do Novo Testamento, o tratamento é, quase sempre, debochado.

III.03. A Coleção Sefer Toledoth Yeshu

Tal como mencionado acima, trata-se mais de uma coleção de evangelhos anticristãos, também conhecidos como anti-

evangelhos, os quais coincidem ou divergem em algumas passagens de uma versão para a outra, do que um texto com um conteúdo uniforme entre todos os manuscritos até agora encontrados. Alguns autores preferem caracterizar o Toledoth Yeshu como uma coletânea de paródias medievais dos evangelhos cristãos. Esta coleção teve uma ampla circulação nas comunidades judaicas da Idade Média, embora nunca tenha sido canonizada no Judaísmo, com isso permaneceu sempre como textos populares. Alguns judeus conheciam as narrativas também de memória e as transmitiam oralmente aos seus filhos e aos seus netos. Seus autores são desconhecidos, uma vez que os estudos apontam para o fato desta coleção ser compilações extraídas de narrativas orais e de escritos judeus anteriores, sobretudo de algumas passagens do Talmude e do Midrash, onde Yeshu (Jesus) é mencionado. As datas da compilação para a forma escrita são duvidosas, o manuscrito mais antigo é do século XI e. c., embora seu conteúdo possa ser encontrado em pistas da existência de uma narrativa anti-evangélica, através de menções nas obras de autores do final da Antiguidade, tais como Justino, Celso e Tertuliano.

Segundo Michael Meerson e Peter Schäfer, a mais antiga menção do Toledoth, como uma composição escrita, é a feita por Agobard, arcebispo de Lion, cerca de 726-80 e. c., e de seu sucessor Amulo, cerca de 849 e. c. (SCHAFER,. 2014: vol. I, 03), a qual coincide com os mais antigos manuscritos do Toledoth Yeshu. Sobre Maria, Amulo escreveu em sua obra *Liber Contra Iudaeos* 40: "(Jesus) é ímpio e filho de um ímpio, ou seja, (alguém) de origem incerta a quem chamam de Pandera (e) com quem dizem que a mãe de (nosso) Senhor cometeu adultério" (SCHÄFER, 2014:, vol. I, 47). O caráter satírico já pode ser visto na versão reproduzida por Agobard, onde Jesus (Yeshu) é preso pelo imperador Tibério, e a fim de se livrar da prisão, Jesus promete ao imperador que sua filha ficará grávida, sem a participação de um homem, e dará à luz um menino. Ela realmente fica grávida, mas dá à luz uma pedra. Então Jesus é condenado à morte. Na execução, ao invés de ser afixado em uma cruz, tal como nos evangelhos canônicos, ele é afixado em uma forquilha, assim como era feito com os magos abomináveis (SCHÄFER, 2014: vol. I, 03).

Por nunca ter sido canonizado, ou seja, em razão do seu caráter popular, os compiladores e os copistas dos manuscritos

do Toledoth Yeshu tiveram a ampla liberdade de acrescentar, de omitir e de alterar episódios, conforme os seus interesses, no texto escrito, daí a diversidade de versões.

A primeira tradução para uma língua moderna do Toledoth Yeshu foi a versão inglesa de Sabine Baring-Gould, The Lost and Hostile Gospels: an Essay on the Toledoth Jeshu and the Petrine and Pauline Gospels of the First Three Centuries of Which Fragments Remain, de 1874, onde o autor traduziu e analisou as versões Wagenseil e Huldreich. Peter Schäfer e Michael Meerson utilizaram 15 diferentes manuscritos no livro T*oledot Yeshu: The Life Story of Jesus,* a obra de referência para o estudo do Toledoth Yeshu na atualidade. Para conhecer ou atualizar o conhecimento sobre como os judeus percebiam Jesus, desde os primeiros séculos, consultar J*esus Outside the New Testament: An Introduction to the Ancient Evidence* (2000), p. 75-134, de Robert C. Van Voorst e o estudo *Jewish Perspectives on Jesus* de Michael J. Cook em *The Blackwell Companion to Jesus* (2011), p. 215-31.

Não é possível ter certeza ainda, mas o motivo para o crescimento do tão grande número de novos evangelhos anticristãos nos guetos, durante a Idade Média, pode ter sido em função do ressentimento pelas conversões forçadas, pelas perseguições, pelas condenações e pelas execuções dos judeus pela Igreja. Alguns autores defendem esta hipótese. Ademais, em razão das diferenças nos relatos da vida e dos ditos de Yeshu (Jesus) no Toledoth Yeshu e dos relatos da vida e dos ditos de Jesus nos evangelhos canônicos, alguns cristãos resistem em admitir que o Yeshu do Toledoth, bem como o Yeshu de outras escrituras rabínicas, seja o mesmo Jesus dos evangelhos oficiais, ou seja, eles são dois personagens distintos (MAZA, 1992: 801), talvez por motivo da boa diplomacia entre cristãos e judeus, ou da mesma maneira, alguns judeus negam que o Yeshu no Toledoth Yeshu é o mesmo Jesus dos evangelhos canônicos, a fim de evitar atritos com os cristãos. Para os cristãos, o Toledoth Yeshu é um amontoado de boatos. A polêmica se Yeshu e Jesus são o mesmo protagonista ainda persiste, embora os estudos históricos mais amplos e aprofundados apontam para a atual conclusão de que o Yeshu do Toledoth é o Jesus dos evangelhos canônicos, apesar das narrativas ora coincidentes e ora divergentes. Pois, é possível perceber uma subjacente intenção depreciativa de criar novas

narrativas da vida de Jesus, acompanhando os principais episódios da vida de Jesus dos evangelhos canônicos, tais como o nascimento bastardo ao invés do nascimento divino, os milagres, os discípulos, a morte em uma haste de repolho ao invés da cruz, a ocultação do cadáver ao invés da ressurreição, etc. As diferenças existem em virtude da intenção dos compositores dos evangelhos de exaltar Jesus e a dos compiladores das diferentes versões do *Toledoth* de depreciá-lo. Estas circunstâncias nos deixam incapacitados de saber, com base em documentação confiavelmente histórica, como foi a vida de Jesus (Yeshu), independente dos mitos e dos boatos acrescidos.

III.04. Os Manuscritos do Toledoth Yeshu

Abaixo a relação dos manuscritos do Sefer Toledoth Yeshu utilizados por Peter Schäfer e Michael Meerson, com os locais onde estão depositados e os correspondentes números de registro, Vol. I, pp.127s:
Grupo I
Oriental Antigo A – Cambridge University Library (SCHÄFER, 2014: Vol. I, 127).
Oriental Antigo A – New York JTS 2529.2 (idem: 135)
Oriental Antigo B – New York JTS 8998 (idem: 137)
Oriental Antigo C – St. Petersburg RNL EVR 2 a 105/9 (idem: 145)
Yemenite Antigo – New York JTS 6312 (idem: 147)
Byzantine – St. Petersburg RNL EVR 1.274 (idem: 155)
Grupo II
Ashkenazi A – Strassburg BnV 3974 (idem: 167)
Ashkenazi B – New York JTS 2221 (idem: 185)
Yemenite Tardio A – New York JTS 2343 (idem: 206)
Oriental Tardio – Jerusalem Benayahu 25.4 (idem: 221)
Italiano A – Leipzig BH 17 1-18 (idem: 232)
Italiano B – Parma 2091 De Rossi 1271 (idem: 275)
Grupo III
Wagenseil – Cambridge MA Harvard Houghton Library 57 (idem: 286)
Huldreich – Amsterdam Hs Ros 442 (idem: 305)
Eslavo A – Princeton Firestone Library (idem: 323).

III.05. Maria na Coleção Sefer Toledoth Yeshu

Na coleção Sefer Toledoth Yeshu, Maria é mencionada mais vezes nos episódios da sua relação adúltera com Pandera e no episódio da revelação da sua gravidez, depois destes, ela quase que desaparece das narrativas, portanto nos limitaremos a estes episódios aqui. Observe que os relatos entre as diferentes versões abaixo têm alguns pontos coincidentes e outros divergentes, tanto quando entre si, e muito mais ainda quanto aos Evangelhos, alguns são até contraditórios, ou, às vezes, diferentemente, complementam as outras versões. Quando as divergências são muito grandes em relação aos Evangelhos e ao Alcorão, até parece que não está se referindo à Maria, a mãe de Jesus. Portanto, para se ter certeza de que os personagens bíblicos são os mesmos que os do Toledoth Yeshu é preciso ler todo o texto e, com isso, perceber que o subjacente fio condutor da história é extraído dos Evangelhos, porém alterando para uma versão pejorativa e, até mesmo em algumas passagens, debochada. A subjacente intenção depreciativa é clara quando lemos a história toda, bem como o fato de que todos os textos têm um roteiro semelhante, com os relatos quase na mesma ordem.

Tal como já mencionamos, a coleção Toledoth Yeshu nunca foi canonizada no Judaísmo, mas desfrutou de uma aceitação significativa nas comunidades judaicas, sobretudo durante a Idade Média, quando do aumento das perseguições, da censura de livros judaicos, das conversões forçadas, dos confiscos de bens e da queima de livros, e de aumento por pensarem que foram os judeus quem mataram Jesus. Com isso cresceu muito a extensão das novas composições, com a inclusão de mais detalhes e a criação de novos textos, quer orais ou manuscritos.

Os extratos seguintes estão dispostos na ordem dos mais antigos e mais curtos primeiros e os mais tardios e mais extensos em seguida., uma vez que as histórias depreciativas foram crescendo com o tempo.

III.06. A Concepção de Yeshu (Jesus)

No Manuscrito Early Yemenite, folio 67v 30-6:

Certa vez eu (Maria) saí à noite para lavar meus xales depois da menstruação e ainda estava impura. Então, alguém se aproximou de mim, e eu não o reconheci, e ele me estuprou, e assim eu concebi este menino (Yeshu - Jesus) (SCHÄFER, 2014: vol. I, 148).

No Manuscrito Byzantine, 21v 10-4
Na véspera do sábado, por volta da meia-noite, (José) saiu para ir à sinagoga e orar, e este homem perverso (Pandera) o esperou. Ele (Pandera) abriu o portão e subiu em sua cama e deitou-se com Miriam (Maria, mãe de Jesus), que pensou que ele fosse seu marido, José. Quando este homem perverso satisfez seus desejos duas vezes, ela engravidou, e ele fechou a porta e escapou da casa de José. (Idem: 155).

No Manuscrito Ashkenazi A, folio 170r 01-09:
O início da criação de Yeshu. Sua mãe, Miriam (Maria), era descendente de Israel e tinha um noivo de sangue real, da casa de Davi. Seu nome era Yohanan. Ele conhecia bem as Escrituras e era um homem muito temente a Deus. E próximo à porta da casa de Miriam (Maria), do outro lado da rua, havia um homem de boa aparência... Yosef (Pandera). Certa noite, na véspera do sábado, ele (Pandera) passou pela porta dela enquanto estava bêbado. Ele entrou, e ela pensou em seu coração que era seu noivo Yohanan. Envergonhada, ela escondeu o rosto, enquanto o vilão (Pandera) a abraçava e a beijava. Ela disse a ele: "Não me toque, porque estou menstruada", mas ele não se alarmou e não prestou atenção às suas palavras. Ele se deitou com ela, e ela concebeu dele (Idem: 167-8).

No Manuscrito Ashkenazi B, folio 39r 5-20:
Havia um homem em Jerusalém, e ele tinha uma filha chamada Miriam. Ela era bela e formosa como nenhuma outra (mulher) em toda a Israel, bem como modesta em seus atos. Ela estava prometida em casamento a um jovem chamado Yohanan, e ele era um estudioso, piedoso e modesto, da linhagem da realeza davídica. Um dia, Miriam (Maria) veio à porta de sua casa para acompanhar seu noivo. Em frente à casa dela, morava um homem chamado Yosef ben Pandera, um homem atraente e cafetão. Ele ergueu os olhos e viu Miriam e sua beleza, que ela era bonita, e por isso

desejou deitar-se com ela como se ela fosse uma prostituta. Ele esperou até que seu noivo fosse à sinagoga, e ela ficou sozinha dentro de casa. Isso aconteceu ao entardecer, à noite. Ele então caminhou silenciosamente em direção a ela e encontrou uma porta aberta. Ele entrou em sua casa, e ela estava sentada sozinha. Começando sua maldade, ele apagou a vela dela. E o ímpio se calará nas trevas (1 Samuel 2:9). E na escuridão ele caminhou em direção a ela, a abraçou e a beijou e entrou nela (por exemplo, Gênesis 29:23). Ele era como um mudo que não abre a boca (Salmo 38:14), e ela pensou que ele era seu noivo, pois não o reconheceu. Ela gritou e chorou com voz amarga e disse: "O que você está fazendo agora? Eu acabei de começar a menstruar"! Ele ficou em silêncio (1 Sam. 10:27) e não a ouviu nem lhe deu atenção. Ele fez tudo que ela desejou e quis com ela, e ela engravidou de seu primeiro encontro sexual com ele naquela noite (Idem: 185-6).

No Manuscrito Huldreich, folio Ir 1-09:
Eis que, no reinado de Herodes, o prosélito, havia um homem chamado Pappos ben Yehudah, e ele tinha uma esposa cujo nome era Miriam (Maria), filha de Qalpus, irmã de Rabi Shimcon Qalpus, e esta Miriam, antes de seu noivado, era cabeleireira de mulheres, casada com Pappos segundo a religião de Moisés e Israel. Ela era de extraordinária beleza, e era da tribo de Benjamim. Seu marido Pappos não a deixava sair de casa e fechava a porta por causa dela, dizendo: "Para que os vilões não se prostituam com ela". E no jejum de Yom Kippur, o vilão Yosef Pander aha-Notsri (Yosef Pantera) passou pela janela dela e ele era bonito, e vendo que não havia ninguém em sua casa, ele levantou a voz e gritou para ela: "Miriam, Miriam, por quanto tempo você ficará trancada?" Ela se inclinou sobre a janela e respondeu: "Yosef, Yosef, me salve!" Yosef foi buscar uma escada, e Miriam saiu pela janela. Ambos fugiram de Jerusalém para Belém no dia do Yom Kippur, e eles viveram em Belém por muitos dias, e ninguém os reconheceu. E Yoseg se deitou com Miriam no jejum de Yom Kippur e ela concebeu. (Idem: 305-6).

No Manuscrito Wagenseil[24], folios 22r 1-18 e 22v 1.07:

24 Esta é a versão mais conhecida, mais lida e a mais traduzida, pois reúne as ideias das outras versões acrescentado detalhes novos.

No ano 671 do quarto milênio, nos dias de Yannai, o rei, houve grande problema a respeito daqueles que odeiam Israel, quando se levantou um devasso, um homem mau e vil, de ascendência da tribo de Judá, e seu nome era José Pandera. Ele era um homem alto, poderoso na guerra e bonito. E a maior parte de seus dias (foram passados) em fornicação, luxúria, roubo e violência. Ele habitou em Belém de Yehudá, e perto de sua casa morava uma certa Elinah. Ela tinha uma filha, e seu nome era Miriam. Ela é Miriam a trançadora (de cabelos) de mulheres" mencionada no Talmud. E quando ela cresceu, sua mãe a desposou com um jovem, e seu nome era Yohanan. Ele era um jovem humilde e modesto, e temia a Deus. Certo dia, José (Pandera) estava passando pela porta de Miriam e a viu, e uma paixão ardeu dentro dele. Ele ficou cada vez mais necessitado e adoeceu. Sua mãe lhe disse: "Por que você está tão fraco?" Ele respondeu e disse a ela: "Eu amo Miriam, a prometida, e agora que Yohanan a prometeu em casamento, eu estou apaixonado". Sua mãe disse a ele: "Meu filho, não deixe seu coração se perturbar e seja forte, eu lhe darei sabedoria. Tenho muito dinheiro; darei a você um pouco, e então você poderá gastar seu dinheiro para ser escolhido por Yohanan e se tornar amigo dele. Quando ele for, vá com ele também; então será o momento certo para você seduzir Miriam." A ideia pareceu-me boa. Então, ele foi até Yohanan, deu-lhe dinheiro e fez amizade com ele. E quando Yohanan foi até Miriam, Yosef também foi com ele. Mas quando Miriam viu que ele era amigo de Yosef, isso lhe pareceu maldade. Ela lhe disse: 'Por que você é amigo de Yosef, se eu sei que ele é uma pessoa má?" Pois, quando você se torna amigo de uma pessoa má, Deus destruirá as suas obras (2 Crônicas 20:37). E Yohanan disse a ela: "Não aprenderei dele más obras. Ao contrário, ele aprenderá de mim boas obras! Uma parábola sobre o que o assunto se assemelha é a de uma vela acesa. Muitas pessoas podem acender velas com ela, mas nada lhe é tirado. Assim também é: Ele aprenderá de mim boas obras. Certa vez, Yohanan foi à casa de Miriam, sua noiva, na véspera do sábado, e ficou com ela. Ela lhe disse: "Não me toque, pois estou menstruada." E ele não a tocou. Durante o sábado, Yosef Pandera ofereceu três banquetes a Yohanan, dando-lhe de comer e beber bom vinho; e bebeu com ele - fingiu que bebia, mas não bebeu. Deu a Yohanan apenas para beber até Yohanan estava bêbado, e deitou-se e dormiu ali durante

a noite após o sábado. Houve naquela noite chuva, granizo, trovões e relâmpagos (Êxodo 19:16); e Yosef foi à casa de Miriam. Ele disse: "Abra a porta para mim, pois a chuva está forte." Ela disse: "Quem é você?" Ele disse: "Sou Yohanan, seu noivo." Ela abriu a porta para ele, e ele recitou o Shemá com grande devoção. A noite estava muito escura. Depois, ele foi até a cama em que Miriam estava deitada e deitou-se com ela. Ela disse a ele: "Eu não te disse ontem que estou menstruando?" Ele disse: "É por causa de um novo preceito foi ensinado na casa de estudos que é permitido a um noivo deitar-se com sua noiva mesmo quando ela está menstruada. Ela supôs que ele era Yohana, seu noivo, e deitou-se com ele. E foi de manhã que ele dormiu com ela novamente. Ela disse a ele: "Por que você acrescenta à rebelião que vem a mim duas vezes?" Mas ele não a ouviu, mas fez o que ela queria e seguiu seu caminho (Idem: 286-8).

[Nota: Estes relatos depreciativos são tão diferentes dos relatos da Virgem Maria nos Evangelhos, quer canônicos ou apócritos, bem como do Alcorão, que quando lidos isoladamente do resto do texto, parecem que esta não é a mesma Maria dos relatos laudatórios, de modo que um leitor novato poderá pensar assim. Muitas desconfianças e muitos debates aconteceram antes de se comprovar que estes personagens evangélicos (Jesus, Maria, José, etc.), narrados no Talmude e na coleção Teledoth Yeshu, são, de fato, os mesmos personagens e episódios nos Evangelhos, mas com lgerações das histórias. Os primeiros registros das versões hostis, simultâneos com a formação do Cristianismo nas primeiras décadas e nos primeiros séculos, comprovam a origem antiga, sobretudo em Celso, em Porfírio, em Justino e em outros autores. Portanto, o que foi acrescido posteriormente foi a ampliação das histórias, com a inclusão de mais detaçhes, conforme a imaginação dos autores, preenchendo as lacunas com mais relatos pejorativos, através de composições orais, a fim de aumentar a carga depreciativa e o consequente descrédito nos Evangelhos, tornando a historicidade dos relatos na coleção Toledoth Yeshu muito desacreditados, por aqueles de fora da tradição judaica.

Tal como neste episódio da concepção de Jesus e nos posteriores, observe que os relatos aumentam de extensão, pois eles são mais curtos nos textos mais antigos e mais extensos nos

mais recentes, mostrando que, com o tempo, novas histórias foram sendo acrescidas, de modo que não sabemos se estes acréscimos foram registros escritos de tradições orais conservadas, ou a criação de novas histórias, a fim de preencher lacunas, pelos autores dos textos.

O caráter depreciativo é gigantesco, quando comparado com a imaculada personagem Maria nos Evangelhos. Enquanto no manuscrito Early Yemenite, Maria é estrupada quando lavava sua roupa, portanto Jesus é fruto de uma relação de estrupo, no manuscrito Byzantine, Maria foi seduzida e enganada pelo perverso Pandera, que simulou ser o seu marido e a maculou, enquanto o seu marido José tinha saído para a sinagoga. Uma passagem tão difícil de acreditar que parece mais um mito, em virtude da inacreditável ingenuidade de Maria, de não reconhecer as diferenças entre aquele homem e o seu marido. O manuscrito Ashkenazi A, a história é estendida, incluindo mais detalhes. Esta ampliação de detalhes continua nos próximos manuscritos, ao ponto de encontramos episódios muito mais extensos, não apenas neste episódio, mas em todos os manuscritos, quando comparamos as extensões, que os manuscritos mais antigos.

A conclusão mais razoável que podemos então chegar, quando desprovidos de materiais históricos mais confiáveis, é a de que nem tudo nos Evangelhos (canônicos e apócrifos) pode ser história, tampouco que tudo nos textos do Toledoth Yeshu pode ser integralmente ficção.]

III.07. A Revelação da Gravidez de Maria

No Manuscrito Byzantine, folios 21v 14-21 e 22r 1.05:
Desse encontro sexual,[25] ela (Maria) se engravidou de Yeshu. Depois de três meses, sua barriga cresceu e Yosef (José) percebeu isso. Ele disse a ela: "Oh, Miriam, minha amada, o que é isso?" Ela respondeu a ele: "Oh, meu marido, daquela vespera de sábado, em que você dormiu comigo, eu senti que tinha engravidado". Quando José ouviu tais palavras de sua esposa, ele disse a ela: "Oh, ai de mim! O que você está dizendo? Isso nunca aconteceu! Você deveria saber que foi aquele homem perverso que brigou

25 Entre Maria e Pandera.

(comigo) que fez isso." Ela disse a ele: "Oh, meu marido, eu não pequei! E por seu grande amor por Miriam, pois ela era muito (bonita), ele não revelou o que aconteceu, para que o assunto não tivesse que ir a julgamento. Quando, com o tempo, o feto se tornou conhecido, ele temeu que os moradores locais pudessem causar problemas, já que ela sempre fora estéril. E José a levou e deixou sua (cidade) de Nazaré. Eles foram para um lugar diferente, para Zevgelation. Shelo[26] (Idem: 155-6).

No Manuscrito Ashkenazi A, folio 170r 10-27:
No meio da noite, seu noivo, o rabino Yohanan (José), chegou. Ela disse a ele: "O que é isso? Nunca foi seu costume, desde o dia do nosso noivado, vir me visitar duas vezes na mesma noite." Ele respondeu: "Esta é a primeira vez que venho te visitar esta noite." Ela disse a ele: "Você veio me visitar e eu disse: 'Estou menstruada', mas você não se assustou, você satisfez seu desejo e foi embora." Ao ouvir isso, ele imediatamente entendeu que Yosef ben Pandera esteve com ela e fez aquilo. Ele a deixou e foi encontrar com Rabban Shim'on ben Shetah. Ele disse a ele: "Você deveria saber o que aconteceu comigo e com minha noiva esta noite. Eu vim até ela de acordo com o costume (do povo), (mas) antes que eu a tocasse, ela me disse: 'Você já veio até mim uma vez, e eu lhe disse que estou menstruada. Você não me ouviu (mas fez) como quis e foi embora.' Assim que ouvi essas palavras dela, eu a deixei." [...] R. Shim'on ben Shetah disse-lhe: "De quem você suspeita?" Ele disse-lhe: "De ben Pandera, porque ele mora perto da casa dela e está perseguindo-a." O que ele disse a ele? "Eu sei que você não tem provas neste evento. Portanto, aconselho que fique quieto. Se ele veio uma vez, é impossível que não volte. Aja com sabedoria. Convide e coloque testemunhas contra ele. Depois de um tempo, surgiu um boato de que Miriam estava grávida. Seu noivo Yohanan disse: "Ela não concebeu de mim. Se eu permanecer aqui, ouvirei minha desgraça do povo todos os dias. Ele se levantou e foi para a Babilônia (Idem: 168)
.
No Manuscrito Huldreich, folio Ir 9-27:

26 Local desconhecido.

E neste ano ela (Maria) deu à luz a Yeshua cha-Notsri (Jesus), e concebeu novamente e teve filhos e filhas. Passados muitos dias desde que estes filhos da prostituição lhes nasceram, um homem veio de Jerusalém a Belém. E quando esse homem viu Miriam (Maria) e a reconheceu, ficou em silêncio e foi para Jerusalém. Ele disse a Pappos (José) que sua esposa Miriam se prostituiu e deu à luz filhos da prostituição a Yosef Pandera ha-Notsri. Quando Pappos ouviu essas coisas, ele foi perante o rei Herodes e chorou alto e amargamente, e disse ao rei que sua esposa Miriam se prostituiu com Yosef Pandera ha-Notsri e deu à luz (dele) filhos de prostituição e bastardos, e (sua) voz foi ouvida na corte do rei e em Jerusalém. Quando os vilões — estes são os parentes de Yosef Pandera[27] — ouviram isso, foram até Yosef Pandera e disseram-lhe: "José, vá e fuja, porque você foi considerado passível de pena de morte. Pois a história chegou à casa do rei, e o rei está muito zangado com você, com Miriam e com os filhos da prostituição (Oséias 2:6) que você teve com ela." José foi e levou Miriam e seus filhos e filhas e sentaram-se no camelo e fugiram de Belém para o Egito. E naquele tempo Herodes veio a Belém e procurou José e Miriam e seus filhos para apedrejá-los porque cometeram uma abominação em Israel, mas não os encontrou. E o rei deu ordem para matar todos os bebês em Belém, e seus enviados foram e mataram todos os bebês, conforme a ordem do rei E o rei voltou para Jerusalém. Muitos dias depois, houve fome no Egito, e José, Miriam e seus filhos foram para Canaã e se estabeleceram em Nazaré, sua cidade natal. Eles mudaram seus nomes e criaram aquele bastardo Jesus... (Idem: 306).

No Manuscrito Wagenseil, folio 22v 8-22:
E foi no domingo que Yohanan foi até sua noiva, e ela se sentou ao lado dele e o tocou. Yohanan disse a ela: "Você não me disse que estava menstruada?" Ela respondeu: "Você é um tolo piedoso! Esta noite você veio a mim duas vezes e se deitou comigo. E você disse que uma nova halakha havia sido ensinada na casa de estudos, que

27 Aqui uma confusão, se refere a José como "Yosef Pander, marido de Maria, e não ao pervetido Yosef Pandera, provavelmente esta passagem foi extraída do Talmud Babilônico Shabbath 104b, onde ocorre uma confusão sobre os pais de Yeshu (Jesus).

é permitido a um noivo deitar-se com sua noiva mesmo quando ela está menstruada. Agora você não quer me tocar!" Yohanan ficou muito chocado e disse: "Deus me livre de ter te tocado, mesmo com meu dedo mindinho! Além disso, eu não estava com você à noite." Imediatamente ela pensou em Yosef Pandera. E ele também pensou em Yosef Pandera. Ela disse a ele: "Eu não te disse que você não deveria se tornar amigo de um homem mau, e você não me ouviu?" Ambos choraram, e Yohanan partiu com o coração amargurado. E foi depois de cerca de três meses que foi dito a Yohanan, “Eis que tua noiva está grávida.” Yohanan ficou muito ansioso, e foi a Shim'on ben Shetah, seu rabino, e contou-lhe a história e perguntou-lhe o que deveriam fazer. Seu rabino lhe disse: "De quem você suspeita?" Ele disse: "Não suspeito de ninguém além de Yosef Pandera, pois ele é um cafetão e um vizinho próximo de minha casa e em minha vizinhança." Seu rabino lhe disse: "Meu filho, ouça meu conselho e fique em silêncio. Se ele veio a ela uma vez, é impossível que não venha outra vez. Aja com sabedoria e jure testemunhas, e traga-o ao Supremo Tribunal. "O jovem (José) saiu para ir à sua casa e lamentou muito. Quando se tornou público que ela (Maria) estava grávida, Yohanan disse: "Agora todos dirão que ela está grávida de mim." E, de grande vergonha e desgraça, ele saiu da terra de Israel e foi para a Babilônia e lá ficou (Idem: 288).

III.08. A Prostituição de Maria no Egito

No Manuscrito Wasenseil, folio 22v 21-2:
Miriam deu à luz e chamou-lhe o nome de Yehoshia, em homenagem ao seu tio, irmão de sua mãe. O menino cresceu, (22) e sua mãe contratou um professor para ele. Seu nome era Elanã. E ele ensinou a criança, e tinha um bom coração para compreensão.

No Manuscrito Byzantine, folio 22r 9-11 e 14-7:
Quando estava no Egito, Miriam (Maria) ficou grávida novamente por prostituição, mais de uma vez, e deu à luz outros filhos, Yakobus, Kianesh, Kipimiah, os irmãos de Yeshu ha-Notsri (Jesus), e também filhas, irmãs de Yeshu (Jesus). Quando já estavam no Egito há muito tempo, José disse a Miriam: "Agora, as pessoas da nossa cidade já esqueceram o incidente e a sua história. Vamos

voltar para o nosso país e para a nossa terra." Eles foram e voltaram para o seu lugar com Jesus, seus irmãos e suas irmãs[28] (Idem: 156).

No Manuscrito Huldreich, folio Ir 15-7:
Miriam (Maria) se prostituiu com Yosef Pandera ha-Notsri e deu à luz (dele) filhos de prostituição e bastardos (idem: 306).

[Nota: Se não bastasse o pecado do adultério de Maria com José Pandera, criou-se ainda outra imoralidade de Maria, a de que ela se prostituiu quando residiu no Egito, a fim de denigrir ainda mais a sua imagem, e transformar José, marido de Maria e pai de Jesus, em alguém ainda mais cornudo.]

28 Enquanto nos Evangelhos Canônicos José e sua família foram para o Egito para fugir da perseguição de Herodes, no Toledoth Yeshu a família foi para aquela região a fim de se livrarem da estigma em sua cidade natal, em virtude do adultério praticado por Maria.

IV. Análise: Maria Realmente foi uma Virgem Concebida pelo Espírito Santo?

IV.01. O Problema Textual

Diante de tantas narrativas controversas, o leitor ficará perguntando em qual versão acreditar. O mais comum é o leitor acreditar, salvo algumas exceções, na versão segundo o seu engajamento, ou na qual foi educado, ou mesmo na qual ele é simpatizante. Se ele é um católico, um protestante ou um pentecostal, ele certamente acreditará na versão canônica, ou seja, nos quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João, enquanto que, um gnóstico ou um nestoriano, acreditará em alguns evangelhos apócrifos, um muçulmano acreditará na versão do Alcorão e dos Hadiths, um judeu acreditará nas versões do Talmude e do Toledoth Yeshu. Enquanto que, um esoterista eclético poderá acreditar em quase todas, e um cético desconfiar de todas. Então a pergunta: Existe algum método imparcial para se chegar à historicidade? O que é história e o que é mito em meio a esta multiplicidade de narrativas controversas? A resposta é a pesquisa histórica e a Crítica Textual, duas incômodas pedras no sapato das religiões. Uma vez que os ensinamentos religiosos são transmitidos através dos texto sagrados, a pesquisa textual antecede qualquer outra pesquisa, ou seja, somente após certificarmos do que os autores dos textos realmente disseram é possível pesquisar o significado do que disseram. Portanto, a pesquisa textual deve anteceder a pesquisa histórica. Os pesquisadores têm se esforçado para, cada vez mais, editarem textos sagrados a partir de edições críticas, cujo resultado é alcançado após exaustiva pesquisa de confrontação do maior número possível de manuscritos, bem como a subsequente análise destes testemunhos, para saber quais são os mais próximos do original, quando não possuímos o manuscrito autógrafo. Então, é preciso identificar as alterações textuais nos manuscritos ao longo da transcrição manuscrita, pois este trabalho evita que se estude ideias interpoladas que o autor não disse. Os antigos textos religiosos estão repletos de alterações textuais e redacionais. estima-se que diante dos cerca de cinco mil manuscritos do Novo Testamento conhecidos, existam

aproximadamente cerca de 500 mil variantes textuais, excluindo as diferenças ortográficas.

Dentre as edições modernas de coleções de apócrifos, a que revisa as publicações anteriores, inclui estudo introdutório, compara o maior número de manuscritos e inclui um aparato crítico de variantes textuais no rodapé das páginas é a de Bart D. Ehrman e Zlatko Plese (EHRMAN, 2011). E quanto à coleção Sefer Toledoth Yeshu, a edição mais crítica, com estudo introdutório, cotejo de manuscritos e de edições anteriores, e aparato crítico de variantes textuais no rodapé, é a de Michael Meerson e Peter Schäfer (SCHÄFER, 2014). E da Bíblia canônica, é a 28ª edição revista de Nestlé-Aland (NA28). Quanto ao Alcorão, aos Hadiths e ao Talmude, não foi possível encontrar edições críticas com cotejo de manuscritos e aparato crítico.

IV.02. O Problema Histórico

Quanto ao estudo das religiões antigas e das recentes, os historiadores fazem a seguinte diferenciação: aquelas que surgiram na escuridão da história e aquelas que surgiram na luz da história. As primeiras são as que apareceram na época quando os registros e a documentação eram muitos precários, período no qual quase toda a população era analfabeta, ou a língua local não possuía escrita, de modo que a documentação escrita era uma raridade ou, em quase todos os casos, não existia. Muitas destas religiões foram preservadas inicialmente na memória dos primeiros seguidores, então transmitidas apenas oralmente, para mais tarde serem transcritas para a forma escrita. Ou aquelas que são conhecidas apenas através da versão dos seus seguidores, não havendo, ou não sobrevivendo registro de autores de fora daquela tradição, com isso somente conhecemos estas religiões através dos olhos dos seus adeptos.

Em contrapartida, as religiões que surgiram na luz da história são as mais recentes, cujo aparecimento aconteceu em uma época quando a capacidade de registro era grande, por isso a documentação é abundante. Quando mais recente, mais farta a quantidade de registros. Pois surgiram em um tempo quando já existiam a impressão gráfica, o jornalismo, o cartório, a fotografia, a filmagem, o documentário, a perícia técnica, a identificação de

impressão digital, a biometria, etc., bem como a História já era reconhecida como uma importante ferramenta na compreensão da cultura. Então, estas religiões recentes surgiram cercadas de abundantes registros e de fartos documentos, os quais nos possibilitam conhecê-las desde diferentes perspectivas, quais sejam, a dos seus adeptos, a dos seus oponentes, a da imprensa e a dos autores neutros, daí a possibilidade de uma ideia mais ampla do seu surgimento e do seu desenvolvimento.

À guisa de exemplo, recentemente assisti a um documentário, produção da National Geographic (disponível no Disney+), em três episódios, sobre um dos casos mais conhecidos e, ao mesmo tempo, mais chocantes que temos conhecimento na história, aquele trágico suicídio em massa de mais de 900 seguidores, da seita cristã Templo do Povo, em novembro de 1978, na comunidade Jonestown, na Guiana Inglesa, liderada pelo carismático pregador Jim Jones. Quanto ao relacionamento ao que estamos tratando aqui, é curioso notar a abundância de provas documentais e materiais disponíveis sobre este evento, portanto muito diferente da escassez de imparciais provas materiais e documentais, aquela repleta de registros em vídeos, depoimentos de ex membros sobreviventes e do próprio filho de Jim Jones, gravações em áudio, fotografias, documentações por escrito, mensagens e cartas, registros em vídeos de agressões e de assassinatos, depoimentos e livros escritos por membros que fugiram antes da tragédia, etc., uma vez que, nos dias que antecederam ao suicídio em massa, um parlamentar estadunidense, juntamente com um grupo de repórteres e cinegrafistas, estavam no local, portanto quase tudo foi registrado, para investigar rumores de mal tratos e de proibição dos membros de deixarem a comunidade, algo como uma prisão. Enfim, a disponibilidade de materiais é abundante.

A historicidade de Maria, quando percebida conjuntamente, alcança um leque de perspectivas que vai desde a desconfiança de que ela não existiu, uma vez que para estes céticos extremistas (miticistas) o Novo Testamento é um mito, até a crença de que ela foi uma virgem, que gerou um filho sem relação carnal (Imaculada Conceição), foi a mãe de Deus, a qual mesmo depois do parto, permaneceu virgem, e fez aparições para devotos, tais como os conhecidos relatos das controvertidas aparições em Lourdes, na

França e, mais suspeitadamente, as na região de Fátima, em Portugal, para três crianças, bem como outras aparições menos confiáveis ainda pelo mundo afora.

Portanto, decidir se Maria foi uma virgem ou não, permanecendo inviolada mesmo depois da geração de um filho, é uma tarefa quase impossível, em razão das escassez de fontes e as poucas disponíveis são testemunhos de autores confessionais, sem fontes imparciais de testemunhas, ou provas documentais e materiais. Obviamente, a versão de que Maria foi uma virgem que gerou um filho, o filho de Deus, sem uma relação sexual e permaneceu virgem em seguida (Evangelhos Canônicos e Apócrifos e) é infinitamente mais impossível de acontecer, portanto ocorrente somente nos mitos; do que a versão de que ela foi uma mulher adúltera que depois se prostituiu (Talmude e coleção Toledoth Yeshu). Enfim, para efeito de encerramento, em uma época quando o trabalho de registro era muito precário, com isso o pesquisador é obrigado a acreditar nas fontes religiosas, ou seja, a virgindade de Maria é um caso de fé e não de historicidade.

IV.03. O Problema Ginecológico

A imaculada concepção e muitos outros milagres nas religiões, são sempre produtos das limitações científicas e tecnológicas de uma época, por isso são sempre posteriormente desmitificados. Perceba que este milagre, quando Maria é concebida sem relação sexual, apenas o primeiro fenômeno, ou seja, a concepção sem a presença de um sêmen humano, é milagroso, isto é, apenas a concepção é sobrenatural, portanto inobservável. Em contrapartida, todo resto do processo, quais sejam: a fecundação, a gestação, o parto, o pós-parto, a amamentação, a alimentação, o crescimento da criança, a puberdade e a chegada à vida adulta é fisiológico, natural, observável e, se fosse hoje, monitorável pela tecnologia.

Na Antiguidade e na Idade Média, quando não existia a ginecologia e o conhecimento do DNA, bem como a tecnologia de identificação de gene, o ultrassom do ventre da gestante, o exame vaginal, o exame pré natal e outras tecnologias, este milagre era bem acreditado. Entretanto, nos dias atuais, este milagre é facilmente contestável, uma vez que é possível, com os recursos

atuais e a disponibilidade da mãe de se submeter ao exame, descobrir se a concepção, sem a presença de sêmen humano, é um fato ou não. Hoje, sabemos, com certeza, que é, biologicamente impossível, a fecundação sem a presença de um sêmen, quer seja a fertilização natural, quer a *in vitro* ou a inseminação artificial, em humanos ou em animais., ou seja, a união do espermatozoide masculino com o óvulo feminino, para a formação do zigoto, a primeira célula de um novo ser, com material genético dos pais. Portanto, consequentemente, surgem as perguntas: Maria foi fecundada com um "sêmen divino"? Se realizados os exames hoje, este sêmen *sui generis* seria identificado? Qual sua composição biológica? Como um sêmen divino se transforma em zigoto humano, uma vez que o processo seguinte foi todo fisiologicamente humano? Mesmo depois de nascido, um exame genético em Jesus identificaria sua genética divina? Qual seria o resultado do seu exame de DNA? Qual a estrutura biológica do DNA divino? Se o milagre foi uma fraude, então seria possível identificar quem, na verdade, era o pai, se coletado o seu sangue dos ferimentos durante a crucificação? Nenhum destes procedimentos existam na época de Jesus, portanto um campo fácil para a criação de mitos sobre concepção divina em virgens.

Estes exames somente podem acontecer mediante a aceitação da gestante, ou de sua família, uma vez que não são todas aquelas que aceitam. Os fraudulentos autores de milagres sempre se recusam a se submeterem aos testes científicos, a recusa é o maior sinal de que o autor é um trapaceiro. Um caso conhecido foi o do santo indiano, Sathya Sai Baba (1926-2011), quem realizou materializações de cinza sagrada (vibhuthi) e de outros objetos (anéis, colares, pulseiras, relógios, etc.), por quase toda a vida. Ele nunca aceitou ser submetido aos testes científicos de observação controlada. Seus milagres fraudulentos tiveram de ser identificados por mágicos e ilusionistas experientes, os quais foram exatamente reproduzidos em demonstração publicas e em vídeos postados na Internet. Ou através dos recursos modernos de edição de vídeo, tais como o zoom (aproximação) de imagens, o slow motion, o still (congelamento de imagens), a projeção quadro a quadro em slow motion, a ampliação de imagem e outros recursos técnicos, tal como a conversão de imagem de video em computação gráfica, comum nos desafios em jogos de vôlei, os quais

possibilitaram a percepção dos truques e das prestidigitações das suas mãos e dos seus dedos respectivamente. Bem como, através do flagrante da queda no chão de torrões de vibhuthis, utilizados para simular a materialização, caídos de sua mão, por descuido, cujos flagrantes foram fotografados e publicados na Internet, além das testemunhas oculares, o que decepcionou muitos devotos.

Em vista disto, não aparecem mais líderes religiosos, atualmente, anunciando que são filhos de mães virgens, concebidas por deus, tal como acontecia no passado. Então, é intrigante perceber o fato de que Deus apenas concebeu (fecundou) Maria e deixou que o resto do processo de desenvolvimento fetal aos cuidados na natureza, isto é, sujeito às todas as limitações das leis da natureza, de modo que o milagre aconteceu só no início, com a fecundação, em uma circunstância na qual não era possível confirmar a excepcionalidade ou não do fenômeno através de testes ginecológicos. Enfim, é uma estratégia das religiões, ao longo da história, sobretudo as mais antigas, colocar os milagres sempre nos lugares onde não seja possível desmenti-los, entretanto os autores destes milagres não foram capazes de prever o avanço das ciências e das tecnologias no futuro, por estas razões, este é um milagre em que a sua atual ocorrência não tem mais credibilidade nos dias de hoje, pois pode ser facilmente desmentido.

V. Bibliografia

AL-MEHRI, A. B. (tr.). *The Qur'an: with Sūrah Introductions and Appendices.* Birminghan: The Qur'an Project, 2017.

ALI, Muhammad Mohar (tr.). *A Word for Word Meaning of the Qur'an: With Explanatory Notes, Word Meanings with Cross References and Grammatical Hints,* 3 volumes. Ipswich: Jam'iat Ihyaa Minhaaj al-Sunnah, 2003

BOTELHO, Octavio da Cunha. *A Comicidade dos Milagres na Infância de Jesus*. Academia.edu, Edição Eletrônica, 2012, https://www.academia.edu/4479148/A_Comicidade_dos_Milagres_na_Inf%C3%A2ncia_de_Jesus

_____ *O Ordálio nas Religiões*. Edição Eletrônica, archive.org, 2016, pp. 04-5: https://archive.org/details/Ordeal_201702/page/n3/mode/2up

CHADWICK, Henry (tr.). *Origen: Contra Celsum*. Cambridge: Cambridge University Press, 1953.

EHRMAN, Bart D. and Zlatko Pleše. *The Apocryphal Gospels: Texts and Translation*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2011.

ELLIOTT, J. K. (tr.). *The Apocryphal New Testament*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2005.

_____*Sinopsis of the Apocryphal Nativity and Infancy Narratives*. Leiden/Boston: Brill, 2006.

FEE, Gordon D. *Textual Criticism of the New Testament* in *Studies in the Theory and Method of New Testament Textual Criticism.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000, pp. 03-16.

GUILLAUME, A. (tr.). *The Life of Muhammad; A Translation of Ishaq's Sirat Rasul Allah*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2004.

HALEEN, M. A. S. Abdel (tr.). *The Qur'an*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2005.

HERFORD, R. Travers. *Christianity in Talmud and Midrash*. Jersey City: KTVA Publishng House Inc, 2006.

HOFFMANN, R. Joseph. *Celsus On the True Doctrine: A Discourse Against the Christians.* New York/Oxford: Oxford University Press, 1987.

JAMES, Montague Rhodes (tr.). *The Apocryphal New Testament.* Oxford: The Clarendon Press, 1969.

MAZA, Carlos Sainz de la. *El Toledot Yeshu Castellano en el Maestre Alfonso de Valladoid* em *Actas II Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. José M. Lucía Megías et. al. (eds). Madrid: Universidad de Alcalá, 1992, p. 787-814.
METZGER, Bruce M. and Bart D. Ehrman. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration.* New York/Oxford: Oxford University Press, 2005.
OMANSON, Roger L. *Variantes Textuais do Novo Testamento.* Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
OTERO, Aurelio de Santos (tr.). *Los Evangelios Apocrifos: colección de textos griegos y latinos, version crítica, estudios introductorios, comentarios e ilustraciones.* Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1956.
ROBINSON, Neal. *Christ in Islam and Christianity*. Albany: State University of New York Press, 1991, p. 156s.
SCHÄFER, Peter. *Jesus in Talmud*. Princeton: Princeton University Press, 2007.
_____ and Michael Meerson. *Toledot Yeshu: The Life Story of Jesus*., 2 volumes. Tubinger: Mohr Siueck, 2014.
SCHNEEMELCHER, Wilhelm (ed.). *New Testament Apocrypha*, 2 volumes. Louisville/London: James Clarke & Co./Westminster John Knox Press, 2003.
SHOEMAKER, Stephen J. *Mary in Early Christian Faith and Devotion*. New Haven/London: Yale University Press, 2016.
TIJSSELING, Egge. *The Sources of Celsus's Criticism of Jesus: Teological Developments in the Second Century AD.* Leuven: Peeters, 2022.